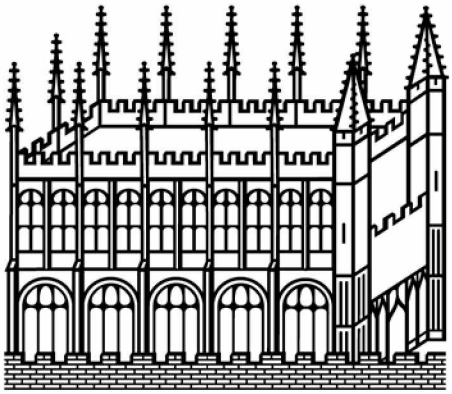


Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

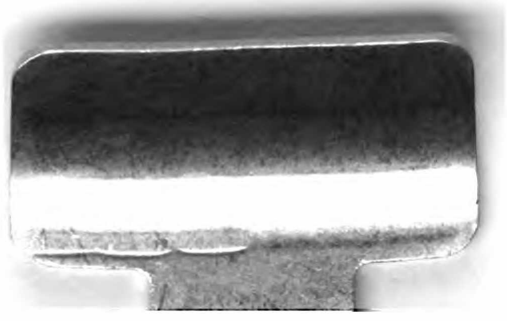
For more information see:

http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.

327 5.24

REP. P. 2631



Bound by
BROOKS (Oxford) Ltd

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XV

DUAS HORAS DE LEITURA

TYPOGRAPHIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA —
RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48
* * * LISBOA * * *

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Edição popular das suas principaes obras em 80 volumes in-8.°, de 200 a 300 paginas impressa em bom papel, typo elzevir

1 — Coisas espantosas.
2 — As tres irmans.
3 — A engeitada.
4 — Doze casamentos felizes
5 — O esqueleto.
6 — O bem e o mal.
7 — O senhor do Paço de Ninães.
8 — Anathema.
9 — A mulher fatal.
10 — Cavar em ruinas.
11 e 12 — Correspondencia epistolar.
13 — Divindade de Jesus.
14 — A doida do Candal.
15 — Duas horas de leitura.
16 — Fanny.
17, 18 e 19— Novellas do Minho.
20 e 21 — Horas de paz.
22 — Agulha em palheiro.
23 — O olho de vidro.
24 — Annos de prosa.
25 — Os brilhantes do brasileiro.
26 — A bruxa do Monte Cordova.
27 — Carlota Angela.
28 — Quatro horas innocentes.
29 — As virtudes antigas.
30 — A filha do Doutor Negro.
31 — Estrellas propicias.
32 — A filha do regicida.
33 e 34 — O demonio do ouro.
35 — O regicida.
36 — A filha do arcediago.
37 — A neta do arcediago.
38 — Delictos da mocidade.
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios.
41 — Memorias de Guilherme do Amaral.
42, 43 e 44 — Mysterios de Lisboa.
45 e 46 — Livro negro de padre Diniz.
47 e 48 — O judeu.
49 — Duas épocas da vida.
50 — Estrellas funestas.
51 — Lagrimas abençoadas.
52 — Lucta de gigantes.
53 e 54 — Memorias do carcere
55 — Mysterios de Fafe.
56 — Coração, cabeça e estomago.
57 — O que fazem mulheres.
58 — O retrato de Ricardina
59 — O sangue.
60 — O santo da montanha.
61 — Vingança.
62 — Vinte horas de liteira.
63 — A queda d'um anjo.
64 — Scenas da Foz.
65 — Scenas contemporaneas.
66 — O romance d'um rapaz pobre.
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado.
68 — Noites de Lamego.
69 — Scenas innocentes da comedia humana.
70 e 71 — Os Martyres
72 — Um livro.
73 — A Sereia
74 — Esboços e apreciações litterarias.
75 — Cousas leves e pesadas.
76 — THEATRO: I—Agostinho de Ceuta.—O marquez de Torres-Novas.
77 — THEATRO: II—Poesia ou dinheiro ? — Justiça. — Espinhos e flôres. — Purgatorio e Paraizo.
78 — THEATRO: III — O Morgado de Fafe em Lisboa. — O Morgado de Fafe amoroso. — O ultimo acto. — Abençoadas lagrimas!
79 — THEATRO: IV — O condemnado. — Como os anjos se vingam. — Entre a flauta e a viola.
80 — THEATRO: V — O Lobis-Homem. — A Morgadinha de Val-d'Amores.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Duas horas de leitura

6.ª edição, conforme a 3.ª, ultima revista pelo auctor

1924

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

DUAS HORAS DE LEITURA

THE TAYLOR INSTITUTION
LIBRARY
22 FEB 1950
OF OXFORD

Nota das edições que tem tido esta obra até á presente

1.ª edição — Porto — 1857 — Editor Antonio Moutinho de Sousa — 1 vol. de 159 pags.

2.ª edição — Porto — 1858 — Em casa de Cruz Coutinho — 1 vol. de 263 pags.

3.ª edição — Porto — 1868 — Em casa de Cruz Coutinho — 1 vol. de 132 pags.

4.ª edição — Lisboa — 1903 — Vol. 15.º da nossa Collecção, da qual se fez uma tiragem especial de 100 exemplares em papel de linho nacional para bibliophilos.

5.ª edição — Lisboa — 1914 — Vol. 15.º da nossa Collecção.

6.ª edição — Lisboa — 1924 — que é a presente.

DOUS SANTOS NÃO BEATIFICADOS EM ROMA

CAPITULO I

Onde, quando, e como deve ser lido este ligeiro esboço de um romance

A duzentos passos da egreja parochial de Lessa da Palmeira, está, no alto de uma collina, uma capellinha de invocação de Sancta Anna. E' uma ermida tosca, erguida alli por devoção de não sabemos quem, desamparada depois ás injurias do tempo. Interiormente não sabemos o que é, nem o que foi. De fóra tem a poesia, que póde dar-lhe a imaginação dos entes imaginativos, vulgarmente *poetas*, que são d'essa moeda os mais liberaes dissipadores.

Aquillo podia ser bello! Se lhe plantassem duas alas de acacias ao longo dos trinta degraus, que facilitam o accesso á ermida, e a assombrassem em redor de álamos e amoreiras, a capellinha de Sancta Anna, só em si,

valeria Cintra, com todos os seus enfeites d'arte, que lhe dão a côr falsa d'uma natureza pintada.

Tem a ermida, encostado á parede, que olha para o nascente, um banco de pedra, seu ornamento unico. E' sentado n'este banco de pedra, que o leitor deve lêr estes capitulos.

Já sabemos o *aonde;* vai agora saber-se o *quando.* Seja por uma d'essas encantadoras tardes de Portugal, em agosto, no agosto de Lessa da Palmeira, onde é prodigiosa a liberalidade do céo, da terra, e do mar, alli juntos em competencia de dadivas. Quando o sol, oscillando no occidente, faz scintillar as aguas em escamas de oiro, a populosa Lessa está como incendida nos reverberos escarlates dos seus vidros. O horisonte de terra mais apartado são cordilheiras agras, cuja côr de cinza faz lembrar a nevoa de fumo, que os vulcões estendem sobre as montanhas proximas. Cá, para este horisonte de mar, tanta luz, o lampejo trémulo do facho eterno, que a mão de Deus voltou para outros povos; além, o escurecer, a noite melancólica, a amiga cara dos desgraçados, que vem a chorar os seus orvalhos sobre as urnas de flôres, que o sol abrira. O espectaculo então é magnifico; é a riqueza que o Senhor deixou aos que o procuram.

A' esquerda tendes duas aldeias de aspecto pobre. As paredes das casas são, na maior parte, nuas de vidro e cal. Nos prados, que as rodeiam, pasta o boi, o animal mais generoso, o mais prestante, o mais humilde escravo de outro animal, o mais escravo e ingrato, que é o homem.

Começa de ouvir-se a voz do pegureiro, fallando á rêz, que desce o recosto dos matagaes, porque da cumiada do casal sóbe a columna de fumo, que o lavrador fatigado saúda de longe, e vem buscando. E' ella a nuncia do frugal repasto, o pão e o caldo, que lauto manjar é, se o seguem horas de somno tranquillo. Uma das duas aldeias chama-se a *Conceição*.

Aquella casa luxuosa, pintada de amarello, refrangindo resplendores nas suas vidraças de lavores caprichosos, é o palacete d'um homem dinheiroso, um semi-deus, um deus inteiro, um deus e metade de outro, se o querem assim, da mythologia d'este nosso seculo, o mais material, e extravagantemente espiritualista de todos os seculos. Pois aquelle palacete, ha vinte e cinco annos, era um convento de frades mendicantes. Não me percam de vista aquelle convento, ainda que embellezada lhes fuja para o mais pittoresco retalho de terra, que os meus olhos viram. Lá está Mathosinhos defronte, com o seu magestoso templo.

Que sombria severidade derrama a pequena cruz alçada entre duas torres alterosas! Se vêdes um palacio, vasto morro de pedra, arrogante com o seu brazão, soberbo dos seus porticos de marmore, não sentis o deslumbramento enthusiasta, ou a concentração religiosa, que vos inspira uma simples ermida, coroada por uma cruz de grosseira pedra?

Nos arredores da egreja de Mathosinhos, onde tão repetidas lagrimas de piedoso reconhecimento vão chorar as mães, que pediram ao Senhor a vida dos filhos, e os homens de mar, que fugiram com as azas da fé á gar-

ganta da morte aberta na tormenta, ahi n'esses arredores, onde a seiva d'uma natureza espontanea rebenta em espadanas d'agua e verdes espessuras, algumas capellinhas alvejam por entre a ramagem; e, a estas horas que lêdes, se lêdes ao pôr do sol, em tarde d'agosto, parecem-vos outros tantos tabernaculos abertos para solemnisarem o trespasse da luz diurna para o clarão mysterioso dos milhares de alampadas celestes.

Não quero chamar-vos a attenção para a celebrada ponte, onde se ajunta um braço de mar, filho das ondas impetuosas, com o manso arroio do Lessa, que lhe entra no seio, sereno e limpido como... consentis-me uma metáphora audaciosa?—como o homem de sancta vida, e coração sem espinhos, no seio tenebroso da sepultura.

Não quero chamar-vos a attenção para ahi. Lá é tudo vulgar e desconsolador. São homens frivolos e mulheres frivolas, que gastando-se em nadas, espreguiçando a phrase enfastiada para entreter horas, olhando tudo que os rodeia com a impaciencia do enojo, ou achando tudo muito bonito d'uma boniteza estupida, que elles sacrificam á contemplação d'umas calças de cachemira com lista larga, ás rozetas d'um par d'esporas inglezas, e aos peitos largos d'um cavallo, que lá vai agora passando em piruetas e cortezias, que dão pábulo á conversação de duas horas nos grupos que ficam.

Não vos chamo para ahi; e, se teimaes em irdes para lá com os olhos, não me lêdes o romance, e perdi o tempo, dizendo-vos, o *onde,* e o *quando.*

Agora, resta saber o *como.* Desafio os mais versados philólogos da linguagem da alma para que vos façam

sentir a minha ideia simplesmente com as vinte e cinco letras do alphabeto.

Como ha-de ser lido este romance? E' boa a pergunta! Como se lêem todos os romances. Não é isso o que eu quero. Eu queria que me lêssem estas linhas com o coração disposto para crêr. Se crêem, sentirão. Se sentirem, hão de pensar. Se pensarem, veem comigo a um accordo que não é atheu, nem jesuita, nem protestante, nem deista: mas, se me não engana o meu compendio de theologia, é um pouco heretico. A heresia está no titulo desta coisa: DOUS SANCTOS NÃO BEATIFICADOS EM ROMA.

E' heresia, porque só em Roma se fazem sanctos. Aquelle S. Lourenço, arcebispo de Braga, que deu cutilada bravia nos mouros, está beatificado: é dos de Roma. S. Hildebrando que cortou mais orelhas do que resou padre-nossos, tambem é dos de Roma. Ora, cá os meus sanctos nunca ninguem se lembrou nem lembrará de os recommendar ao bispo de Roma, para que elle os inscreva na cathegoria dos sanctos, segundo o breviario.

Estou a vêr que já ninguem me lê, depois do ultimo periodo. Paciencia. Eu lerei o meu romance á minha filha quando ella tiver idade para entender-m'o.

CAPITULO II

Por causa de um habito de Christo

Januario Pires de Miranda, natural de Mirandella, era alferes do 4.ª da legião, que assim se chamava o exercito portuguez, defensor do principe, e da Sancta Egreja Catholica, apostolica, romana, contra as aggressões impias, sacrilegas e usurpadoras do moderno Atila, do flagello de Deus, do tigre da Corsega, vulgarmente conhecido por Napoleão.

Depois da batalha do Bussaco, Januario Pires de Miranda, como notavel proprietario que era na sua comarca, foi um dos deputados á côrte do Rio de Janeiro, para felicitarem S. Alteza pelos feitos heroicos dos seus vassallos, como se não fosse S. Alteza quem devia felicitar os vassallos.

Januario, em supplemento á felicitação, disse que matára só elle á sua parte, cinco francezes. Não men-

tiu. O nosso heroe effectivamente matára cinco francezes, que topára desgarrados entre Alfarella e Jalles; e, para mais realce do seu feito grandioso, deve saber-se que os cinco francezes iam moribundos n'um carro quando o valoroso Januario, embravecido deante do carro, como o heroe de Cervantes diante da gaiola dos leões, fez tirar as caniçadas, e cortou á sua vontade. S. Alteza, deliciando-se com a narrativa e uma pitada de simonte, disse ao conde da Barca que era necessario galardoar os serviços deste bravo defensor do throno e do altar. No dia seguinte, Januario Pires de Miranda sahiu do Paço com o habito de Christo pendurado na casaca, e um alvará regio de perdão para que as justiças o não podessem em tempo algum perseguir por crime de morte, que elle agraciado perpetrára na pessoa d'um seu visinho, com uma saxola, por causa d'uma partilha d'aguas na *courella do Reguengo*, que o leitor não sabe onde é, nem eu.

O cavalheiro do habito tinha uma filha de dezeseis annos, que uma sua tia, casada em Villa Real de Traz-os-Montes, com um negociante de pannos, trouxera em pequena para a sua companhia com o fim de educal-a como senhora, e sua herdeira. Esta menina, em 1817, quando seu pai voltava do Rio de Janeiro, amava um moço de alguns haveres, intelligencia não vulgar, e boa reputação, filho d'outro negociante de mercearia, visinho de seu tio. Chamava-se elle Paulo, e ella Mathilde.

Paulo frequentára humanidades no convento de S. Francisco de Villa-Real, onde tinha um tio, que escreveu uma grammatica latina, que ninguem hoje conhece,

porque os folhetinistas recommendando muitas coisas boas e conhecendo tudo quanto ha, só não conhecem grammaticas latinas. Paulo sabia mais que todos os nossos folhetinistas reunidos; o que elle sabia menos que elles era fallar com desembaraço a mulheres.

Como elle amava Mathilde era para elle e para nós um segredo. Como Mathilde o amava a elle, deixemos ao tempo essa revelação.

Quando Januario visitou sua irmã para mostrar-lhe o habito de Christo, a boa senhora, aproveitando o ensejo de alegria, disse-lhe que era necessario casar Mathilde,

Perguntou o pai, se o noivo era cavalheiro do habito, pelo menos. D. Genoveva respondeu, que era filho d'um honrado negociante. Januario sorriu-se, e disse: *lé com lé e cré com cré.*

Mathilde quando soube a resposta de seu pai, chorou. Paulo chorou tambem.

O' meu pobre rapaz, se as tuas desventuras acontecem n'estes nossos felizes tempos, tu mandavas cincoenta mil réis a um meu amigo de Lisboa, e, no correio seguinte, tinhas o teu habito de Christo, e estavas, lidos os banhos, casado com a tua Mathilde!

CAPITULO III

Um frade que não está beatificado

O cavalheiro do habito, desconfiando das democraticas doutrinas de sua irmã, em materia de casamento, resolveu levar comsigo para Alfarella sua filha. Mathilde tão depressa a mandaram preparar a troixa, deu parte a Paulo da situação violenta, em que a punham os deveres de filha. O desesperado amante imagina todas as loucuras imaginaveis, e resolve suicidar-se definitivamente, se não podér estorvar a sahida de Mathilde. N'esta inabalavel tenção, escreve á pobre moça, e revela no desalinho das ideias uma vertigem das que precedem a allucinação do suicidio. Mathilde, com a carta na mão, cahe de joelhos aos pés de sua tia, e choram ambas. Chega n'este comenos o inexoravel Januario, presenceia o grupo, quer explicação da lamuria, soletra pessimamente a carta arrancada ás mãos da filha, e acaba por jurar «em nome de todos os diabos, que sua filha não

casará com o pedaço d'asno, que lhe escreve.» São palavras textuaes do cavalheiro do habito.

Imaginem que noite passaram os dois infelizes! Ella chorou, desmaiou, escreveu, orou com a fervente devoção dos infelizes, e viu entrar no seu quarto a luz do ultimo dia, que lhe era concedido passar em Villa Real. Elle, abafando de afflicção no seu quarto, não iendo a quem abrir a sua alma, sahiu de casa, parou á porta de Mathilde, chorou, e, quando amanheceu, foi direito ao convento de S. Francisco procurar seu tio.

O sancto frade dizia missa d'alva, para depois sahir a peditorio. Ao «*orarte fratres*» conheceu seu sobrinho, de mãos erguidas, com os olhos cravados n'elle. O pobre velho adivinhou desgraça, e pôz os olhos orvalhados de lagrimas na cruz.

Consumado o sacrificio, o frade veio á portaria, onde o sobrinho o esperava, passeando n'aquelle coberto de ladrilho, onde hoje o destacamento de caçadores 3 brune os boldriés, e dança o lundum com mulheres esfarrapadas.

«Que tens tu, Paulo?—perguntou o frade.

—Uma afflicção mortal, meu tio: uma desgraça sem remedio.

«Desgraça sem remedio é a d'aquelles que o Senhor põe ao seu lado esquerdo, dizendo-lhes: «ide, maldictos!...» Não assim a ti, meu sobrinho, que ainda agora rezavas com tanta devoção.

— Deus não me acode!...—redarguiu Paulo, limpando torrentes de lagrimas.

«Não blasphemes, filho!... Olha aquella legenda,..

Paulo ergueu os olhos para um versiculo escripto no frontal da portaria, e leu: *Pulsate, et aperietur vobis*: (Batei, e ser-vos-ha aberta.)

«Lêste, meu Paulo?...—proseguiu frei Bento—A fonte das consolações divinas não secca jámais. Que tens, rapaz?... falla...

—Mathilde é-me hoje roubada pelo pai...

«*Roubada!*... Que direito tens tu á filha do homem, que a chama para si? Confessa-te d'essa culpa, meu sobrinho. E' ella tua mulher?

—Perante Deus, sim.

«Nada de palavras vãs. A posse das mulheres perante Deus dá-se no altar.

—Mas o coração, meu tio...

«O coração, meu sobrinho, é um traidor, quando se arreda dos deveres impostos á alma. Eu não te tenho educado assim, nem teu pai e tua sancta mãe terão feito que a semente das minhas doutrinas rebente por entre espinhos, como a da parábola. Eu soube que essa menina te era cara, e não te impedi o bem posto, e bem encaminhado affecto ao fim honesto e puro do casamento. Informei-me das virtudes de Mathilde, e soube que ella era digna de ti. Animei-te a apressar o teu consorcio, para que as linguas más não murmurassem. Cuidei que te não rejeitariam. Enganamo-nos todos; mas nenhum de nós deve agora deixar-se enganar pelo espirito das más tentações. Se t'a não dá o pai, Deus o inspira para bem teu e d'ella. Resignação, filho. Vem aqui todas as manhãs offerecer as tuas lagrimas, que são virtuosas, e serão acceitas. Em nome de Deus te

prometto que o teu coração sentirá allivio. *Pulsate, et aperietur vobis.*

Paulo beijou a mão de seu tio, e entrou outra vez na egreja. Frei Bento tomou dos hombros de um donato os alforges, dizendo: «deixai-me só.»—E sahiu.

— Não almoça, padre-mestre? — perguntou o padre porteiro.

«Lagrimas, meu irmão—respondeu frei Bento; e, tornando ao palratorio, disse:

«Padre-porteiro, vá á minha cella, tome da minha estante uma *Imitação de Christo*, e dê-a a meu sobrinho Paulo, que está ahi dentro da egreja.

CAPITULO IV

Ajoelhados á mesma cruz

Paulo, como dissemos, entrára no templo. Dois padres se aparamentavam simultaneamente. Um d'elles, porque não tinha acolyto, acenou a Paulo. O moço limpou as lagrimas, e entrou na sacristia.

Quando voltava com a salva das galhetas para o altar, entravam duas mulheres de mantilha, na egreja. Encarou-as machinalmente, mas as sombras das naves não lh'as deixaram conhecer. As mulheres vieram ajoelhar-se, quando Paulo murmurava as respostas do *Introito*, muito perto do altar, ao pronunciar as palavras: *Spera in Deo, quoniam adhuc confitebor illi salutare...* não eram palavras, eram gemidos, aos quaes responderam outros, intercortados como os soluços d'uma agonia suffocante.

Paulo voltou a face, e viu Mathilde nos braços de

sua tia. Os cabellos eriçaram-se-lhe, o rosto cobriu-se-lhe de lume, as mãos erguidas desceram até ao degrau do altar para suster o corpo que vergava.

«Tende piedade d'ella, meu Deus!—murmurou uma voz. Era D. Genoveva.

O padre perguntou baixinho ao ajudante:

«Está ahi alguem em afflicção?

Paulo não respondeu.

«Olhai lá o que tem essa mulhersinha, que chora...» —tornou o frade.

—E' uma senhora que desmaiou.

«Chamai o padre Anacleto para que lhe tome o pulso, e veja se está em perigo de vida, para ser absolvida.

Estas palavras foram ditas em voz que D. Genoveva ouviu.

—«Não é preciso, senhor frei Joaquim—disse ella.

«Pois é a senhora D. Genoveva?!»—tornou o frade.

—«E' minha sobrinha, que desmaiou; mas já começa a recobrar os sentidos.»

«Deus o queira»—e continuou a missa.

Ao *Lavabo*, Paulo não atinava com o ceremonial das galhetas, que lhe tremiam nas mãos convulsas. O ministro, reparando na confusão do acolyto, murmurou:

«Olhai lá o que fazeis, Paulo! vós trocaes as galhetas.

Paulo não respondeu: emendou o descuido, e ajoelhou.

A' sagração da hostia, Mathilde, arrebatada pela exaltação da sua fé, murmurava, a meia voz, uma oração que sua tia acompanhava com lagrimas, cahidas sobre

a lage, onde pousára os labios. Paulo instinctivamente voltára o rosto para Mathilde, e, vendo-a como extatica no calix, sentiu se arrobado no extasis d'aquella devoção. Não proferiu, mas meditou algumas d'essas palavras attribuladas, as quaes, ditas a Deus, deixam na alma um allivio, que é a prova de que entraram no céo, e cahiram logo na balança da misericordia divina.

Finda a missa, Paulo ficou de joelhos. Mathilde e sua tia sentaram-se no pavimento, como extenuadas de corpo e espirito. Frei Joaquim veio ao pé de D. Genoveva, sua confessada, a informar-se das melhoras da sobrinha, e subiu depois os tres degraus do altar para entregar a Paulo a *Imitação de Christo*, que seu tio lhe mandava.

O mancebo abriu o livro, e leu:

«Bemdito seja o teu nome, Senhor, que quizeste viesse sobre mim a tentação, e a tribulação. Não posso fugir-lhe; mas em ti me acolho, para que me ajudes a ser bom. Senhor, eu soffro muito, meu coração está em penas, e esta paixão angustia-me. Que farei, meu querido Pai? Vejo-me apertado entre agonias. Salva-me deste instante...

Paulo não sentira os passos de Mathilde, que se aproximava. Por cima do seu hombro, cahiu-lhe sobre a pagina do livro, e sobre as lagrimas vertidas n'essa pagina, um papel dobrado. Voltando a face, Paulo viu Mathilde, que descia apressada os degraus para cahir, debulhada em lagrimas, nos braços de sua tia.

Paulo abrira o bilhete, e lêra:

«Posso ser muito desgraçada, mas não posso ser má

«filha. Serei tua, por vontade de meu pai, ou da se-
«pultura, se Deus não quizer o contrario. Esperança,
«meu amigo. Ajuda-me a soffrer, soffrendo menos do
«que eu. Adeus.»

CAPITULO V

Que pai!...

O cavalheiro do habito de Christo, emquanto sua irmã e sua filha assistiram á missa em S. Francisco, ajudou a carregar um macho com os bahús torcendo o arroxo na sobrecarga com a pericia de destro almocreve, geito que lhe ficára de quando, em pequeno, estivera com um seu tio recoveiro de Carção.

Quando as senhoras voltaram d'aquella triste scena da egreja, já os bahús iam caminho de Mirandella. A pobre pequena fez-se de mil côres, quando viu uma cavalgadura com andilhas, e seu pai atuchando os alforges com a merenda. Mathilde pensava que a sahida seria no dia seguinte.

—Pois que é isto?—perguntou a senhora D. Genoveva.

«Isto que, mulher?—disse o terror dos francezes, pondo o joelho á barriga da egua, e tirando pelas cilhas das andilhas.

—Pois tu vais já ?!

«Podéra não! que estou eu aqui a fazer? Quem tem a sua casa não póde estar onde quer. Mathilde, almoça, e anda que são horas.

—Eu já almocei, meu pai... Estou prompta: vou tirar a mantilha, e venho já.

Estas palavras foram ditas com apparente presença de espirito. Logo que voltou as costas a seu pai, Mathilde prorompeu em lagrimas e soluços, que toda a sua resignação miraculosa, pedida a Deus na egreja, não bastava a reprimil-os.

«Não chores assim, minha filha — disse a tia, abraçando-a com ternura de mãe.

—Abrace-me, abrace-me, minha boa tia: parece-me que é a ultima vez que me tem nos braços.

«Deus não ha de querer tal, Mathilde... Onde está o teu animo, filha?

—Não me falta animo para morrer contente; mas viver desgraçada e satisfeita, isso não posso, minha tia. Se não fosse a esperança de morrer cedo, chamada por Deus... bastaria a minha dôr para matar-me.

O dialogo continuava entrecortado dos gemidos de ambas, quando Januario veio dar com ellas pela segunda vez em mudo colloquio de lagrimas.

«Deixemo-nos d'asneiras!—disse elle—Basta de choramingar. Isto não é para sempre... O diacho das mulheres choram por dá cá aquella palha! Tivesseis vós em que pensar, e não andarieis sempre a lagrimejar vinagre por um olho, e azeite por outro.

—O' Januario... — tornou D. Genoveva—tu estás cada vez mais grosseiro...

«Não estou magro não, graças a Deus; não tenho fastio, e mastigo bem; mas não sabes porquê, Genoveva? E' porque eu trato do que serve cá para o amanho da vida, e não ando com a cabeça por papos d'aranhas. Tenho trabalhado muito para deixar uma boa casa a dois filhos que tenho e não é só isso; ando a arranjar lhe honras lá por esses mundos de Christo, e cá esta menina, sem meu consentimento, anda por cá a doudejar.

—Cala-te, cala-te, que és um homem sem educação nenhuma... Vai te vestir, Mathilde, vai, que eu preciso ficar sósinha com teu pai.

Mathilde sahiu, e a senhora D. Genoveva, vermelha de zanga, continuou assim, emquanto seu irmão apertava os botões das polainas:

—Não quiz que tua filha me ouvisse, para que ella não faça de seu pai a ideia que eu faço. Tu és um homem como foste sempre. Um malcreado, com todos os defeitos que traz comsigo a falta de civilidade. E's um lavrador dos mais rusticos da nossa terra, e metteu se-te na cabeça ser fidalgo, porque pensas que ser fidalgo é trazer um pendurelho ao peito. Valha-te Deus! se nosso pai te visse com isso... dava-te com as sôgas dos bois até tocar a quebrado. Eu fallo-te a verdade: estava morta que tu sahisses de Villa-Real, antes que os fidalgos cá da terra saibam que tu tens a mania da fidalguia. Os rapazes atiravam-te ás pedras; e eu, que tenho guar-

dado com honra a posição que nosso pai me deu, teria vergonha, como tenho desde hoje, de ser tua irmã...

«Tu estás dizendo grandes atrevimentos!... Vai bacharelar ao diabo... Mette-te com a tua vida...

—Olha cá... sempre te quero dizer duas palavras a respeito de tua filha. Minha sobrinha foi creada comigo; as prendas que tem deve-m'as a mim...

«Então queres que t'as pague?

—Não, estupido, não quero que m'as pagues; mas ella é que m'as quer pagar com a gratidão da nobre alma que tem, e não parece ter nada da tua. A infeliz é minha verdadeira amiga, e nunca poderá ter por ti outro sentimento senão o da sujeição, e o do medo d'um tyranno... entendes?

—Acho que entendo... Cá vou assentando no meu canhenho... Andarei com o olho sobre ella...

—Não é preciso, mau homem, não é preciso vigial-a. Tem virtudes de sobra para te não enganar, e é mais possivel morrer do que resistir ao despotismo de seu pai. Ora, se ella morrer, Januario, o responsavel, o criminoso, o verdugo és tu.

«Eu? ora essa! Boa vai ella!

—Sim, tu... E não tenho mais nada a dizer-te... Deus te não leve em conta as lagrimas que eu e ella choraremos...

«Pois tu que querias? aposto que todo esse aranzel é a troco de eu não querer que ella case com o borrabotas?

—Fecha essa bôca, ignorante! Tu darias quanto tens por ter na cara a honra que elle tem nos calcanhares.

Quando Deus quer dar a um pai um genro virtuoso, escolhe no mundo rapazes como aquelle... e esses são muito raros.

«Mas eu não quero, e arrumou! Vão lá tirar-me esta da cabeça! Não quero, e não quero! A rapariga é minha filha, eu sou senhor do que é meu; e não me puxem pela lingua, se não acaba-se aqui o mundo!...

O senhor Januario foi fecando n'este genero. Disse, o mais rusticamente que pôde, singulares asneiras sobre o direito paternal, e acabou por descobrir que tinha apertado ás avessas a polaina esquerda, que desabotoou para abotoar de novo, vomitando uma praga a cada botão.

D. Genoveva entrou no quarto da sobrinha, que chorava debruçada sobre uma commoda.

«Minha tia... —disse ella. Eu levo n'este lenço a imagem de Sancta Thereza de Jesus, que Paulo me deu. quando eramos ainda creancinhas. Dá-me licença que a leve?

—Sim, minha filha... para que me pedes licença? Nunca a serva do Senhor te desampare, Mathilde.

«Quero pedir-lhe mais um favor...

—Diz, filha...

«Aquelle *S. Francisco* de marfim, que a tia tem no seu oratorio, se m'o desse...

—Dou, dou... o que quizeres...

«Não é para mim...

—Já sei.

«Se a tia lh'o fizesse chegar ás mãos...

—Farei, farei, filha: ainda hoje... E mais nada?

«Já lhe disse tudo que tinha a dizer-lhe... o mais... no céo lh'o direi.

Rebentaràm de novo as lagrimas, e apertaram-se os peitos das duas amigas em angustias que mal se descrevem.

O senhor Januario já tinha chamado tres vezes. Separaram-se. D. Genoveva não pôde acompanhar sua sobrinha até á porta. Ajoelhando diante do seu oratorio, quando passava com ella nos braços, foi d'ahi transportada sem sentidos ao seu leito.

O cavalheiro do habito, que presenciára o quadro triste, resmungava um monologo de que sua filha ainda ouviu:

«Saudades são seccuras...»—*Et cætera*,

A preexistencia d'estes nossos barões! A coisa vem de longe...

CAPITULO VI

A casa do senhor como penitenciaria

Januario Pires de Miranda tinha um filho que mal se recordava de sua irmã. Separaram-se creanças, e raras vezes se correspondiam, por uma razão muito simples: o rapaz não sabia escrever, e apenas soletrava *As sete partidas de D. Pedro.*

Seu pai dizia que um bom lavrador, sabendo medir um almude de azeite e um carro de pão, não precisava mais nada. Eram já as tendencias para a fidalguia a trabalhar.

Os seus visinhos, senhores de vinculos, não eram mais espertos do que elle; e a unica vantagem que lhe levavam era terem-no precedido, nas pessoas de seus avós, em heroismos no campo da batalha. Os representantes dos Mens, e Fuas, e Magriços allegavam, em honra da sua velha jerarchia, tantos «narizes de mouros que seus avós cortaram». Januario, que procedia,

por todos os quatro costados, de styrpe sabida de burriqueiros e almocreves, ufanava-se de ter, por sua propria mão, cortado dez orelhas de francezes á razão de duas orelhas por cabeça.

A minha opinião é que o neto dos almocreves tinha direitos muito mais legitimos á nobreza, porque matou francezes invasores da sua patria, e não foi levar a assolação e a morte aos pobres indianos, que lá viviam, tranquillos e inoffensivos, nos seus palmares, com as suas crenças, com os seus haveres, e com a sua feliz ignorancia.

O senhor Januario, portanto, era um fidalgo sem senão: e seu filho, por não saber lêr nem escrever, habilitava-se a continuar os merecimentos paternos para que se não dissesse d'elle o que se diz de muitos que teem na historia de avós o aviltamento da propria.

Mathilde entrou em casa de seu pai como entraria em casa estranha. Que desconsolação para a triste que precisava tanto de encontrar uma alma!

Seu irmão Manuel recebeu-a como se tivesse vergonha d'ella. Nenhum movimento de coração se denunciou na physionomia de ambos.

A pobre menina entrou no quarto que seu pai lhe disse ser o seu. Tinha sido aquelle o recinto de sua mãe, unico de que ella se lembrava na casa, por ser alli que se prendia uma triste lembrança. Recordava-se Mathilde ter visto entrar alli alguns homens de opas brancas a levantarem do sobrado o esquife de sua mãe, que a deixára de sete annos.

Era, pois, bem natural aquelle pranto que a dolorosa

recordação fez trasbordar dos olhos. E parecia inexhaurivel a fonte d'elle. Chorava sempre, e os escassos bocados de alimento, que tomava da mesa de seu pai, eram orvalhados de lagrimas. Nem orando, sequer, achava desafogo. Seu pai e seu irmão encaravam-na com indifferença, se não com aborrecimento. Um dia, e outro dia, e os dias todos assim, deviam indispôr contra um padecer, que não conheciam, os dois alarves, que apparelhavam perfeitamente.

Mathilde escreveu uma longa carta a sua tia; mas que trabalhos para isso! desde o tinteiro até á obreia, venceu difficuldades, cujas penas não foram talvez as menores do longo infortunio de Mathilde. Seu pai queria vêr o que ella escrevia; e, não percebendo a linguagem da carta, pensava que havia *mandinga* n'ella. Forçoso lhe era, por isso, escrever a occultas, e arranjar pessoa de confiança que lhe levasse ao correio as cartas, e recebesse em seu nome as respostas. Valeu-lhe n'esta oppressão uma honrada tecedeira, prima de sua mãe, pouco affeiçoada ao cavalheiro do habito. Foi isto um allivio que o céu lhe concedeu.

De oito em oito dias, tinha carta de sua tia, cheia de consolações e esperanças. Em todas as cartas, sabia que Paulo vivia mais no convento, com o tio frade, do que em casa de seus pais; que viera uma vez agradecer-lhe a remessa do S. Francisco de marfim, não proferira uma só palavra a respeito d'ella, e sahira, quando as lagrimas subitamente lhe turvaram os olhos. Em uma d'essas cartas, a penultima que Mathilde recebeu em Mirandella, dizia D. Genoveva que a mãe de Paulo mor-

rêra de repente, e este acontecimento abalára tanto a debil compleição do moço, que muito receio houve de que o juizo lhe désse volta.

Entretanto, Januario tratava de casar os filhos, e lançára vistas sobre uma afilhada d'um abbade rico para o filho, e um morgado arruinado para a filha. Fazia a casa em Mathilde para reedificar as ruinas do morgadio. Dava seis mil cruzados ao Manuel para entrar na posse da grande lavoura da afilhada do abbade, que lá tinha suas razões para não chamar-lhe filha.

Traçado o plano, entrou na execução. Calculem a habilidade com que o fez! Chamou a filha e disse-lhe que arranjára um marido fidalgo, que tinha pedra d'armas á porta, e casa de capella!

Mathilde surprehendida, sem vacillar um instante no primeiro rasgo de animo livre com seu pai, respondeu que não casava.

— Tu que dizes, mulher!? — redarguiu, attonito da desobediencia.

«Digo que não caso. Dou-lhe a minha vida, se a quer; o coração não posso dál-o a ninguem.

— Pois tu desobedeces a teu pai, Mathilde?!

«Isto não é desobediencia: é não querer enganar o homem a quem meu pai quer dar-me. Se esse homem chegasse a conhecer que eu não posso estimal-o, tornar-se-ia inimigo de meu pai, e seriamos todos desgraçados.

— Não me importa com essas indróminas! Has-de casar.

«Não caso, meu pai.

— Pois então, não ha aqui que vêr... hasde ser freira. Não te quero em casa, nem quero mais cartas para Villa-Real.

«Serei e farei o que meu pai quizer.

— Hasde ser freira, e olha que vais para muito longe de Villa Real.

«Para onde o pai quizer.

— E hasde ser freira n'uma ordem pobre.

«Tudo, tudo que fôr da sua vontade.

— E depois hasde arrepender-te.

«Não é possivel... A minha vida será curta... Não terei tempo de desejar outra.

— Outra quê?

«Outra vida, meu pai.

O senhor Januario embirrava com os substantivos occultos.

CAPITULO VII

A desgraça faz os sanctos

Duas semanas depois do ultimo dialogo, o cavalheiro do habito disse á filha que estavam promptos os tres mil cruzados do dote para ser freira em Sancta Clara do Porto. Mathilde curvou a cabeça submissa, e pediu licença para fazer um pedido.

«Vamos a saber o que é que queres — disse o pai.

— Desejava ser freira onde o serviço de Deus fôr mais custoso.

«Talvez em Villa Real... — replicou o sandeu com um sorriso de estupida malicia.

— Não é em Villa-Real, é em qualquer parte onde hajam conventos reformados por Sancta Thereza de Jesus. Desejo ser carmelita, e no Porto ha um convento de carmelitas.

«Pois irás para o tal convento; mas olha que isso lá fia mais Jino, e tu arrependes-te.

— Já disse a meu pai que não posso arrepender-me.

Januario sentia no peito saltar-lhe o coração em cabriolas de alegria. A resolução de Mathilde poupava-lhe dois mil cruzados, visto que ainda menos de quatrocentos mil reis bastavam para o dote de uma freira Therezinha. Expansivo do seu contentamento, contou ao filho a deliberação da irmã, e apressou quanto pôde a entrada de Mathilde.

Esta communicou a sua tia a resolução que tomára, e pediu-lhe que mostrasse a Paulo a sua carta. Sem esperar resposta veio ao Porto e entrou no noviciado.

Januario acompanhou-a, deu-lhe o derradeiro abraço com os olhos enxutos, e estabeleceu-lhe uma insignificante tensa.

Mathilde recebeu no convento a resposta da sua ultima carta a D. Genoveva. A madre-porteira, entregando-lh'a, disse-lhe que era dos estatutos ser primeiramente, aberta e lida a carta pela prelada. Esta obrigação custou-lhe lagrimas, mas não hesitou um instante. A priora abriu; leu, mentalmente, e antes de proferir uma palavra, cahiam-lhe as lagrimas pelas faces azadas pela velhice.

«Vossa caridade — disse ella — poupar-se-ia a muitas dôres, se pedisse a sua tia que lhe não escrevesse cartas similhantes.

— Porquê, nossa madre priora?

«Porquê... minha filha? porque as lagrimas que vem de longe são as que mais nos dóem no coração. Leia, irmã Mathilde, e se fôr grande a sua mágoa dê graças a Deus pelas tribulações com que se dignou pro-

var a sua paciencia. Eu tinha adivinhado que o seu coração soffria, que as suas orações eram gemidos de desafogo; mas não pensei que tão grande devia ser a dôr... Maior é o poder da consolação divina...

A noviça beijou o escapulario da prelada, e retirou-se á sua cella, a lêr a carta com dolorosa soffreguidão. Sua tia, depois de descrever com o sangue do coração a mais tocante dôr da saudade, fallava de Paulo.

Paulo, quando soube a escolha de Mathilde entre o mosteiro e o casamento, sentira assomos de jubilo, e, digamo-lo claramente, de vaidade, mas d'essa vaidade que ennobrece o coração, e não tem nada com a outra, filha da cabeça. Este accesso febril durára pouco tempo. Viera, depois, a reflexão, e com ella a consciencia de perder para sempre a mulher que para sempre ligára ao seu destino.

Perdida! Esta ideia, cada vez mais carregada em côres negras, atirava com aquella pobre alma ao abysmo da impiedade. A desesperação levou-o de dúvida em dúvida até á blasphemia. Paulo, achando em seu tio a severidade do sancto, deixava-se fascinar pela tentação do demonio. Fugiu do convento como de um logar, onde lhe recebiam as lagrimas com reprehensões, e dizia-se que a religião, no extremo da amargura, não é senão um sarcasmo. Cahiu doente, quando o corpo cahiu, extenuado das commoções do espirito. Tocou a ultima raia da vida, sem abrir os olhos á luz da fé, que seu tio frade, sempre á sua cabeceira, lhe mostrava, como incredulo n'outra medicina.

Uma noite, o delirio e depois o cansaço subito, a

attonia completa da vida exterior, fizeram pensar que era chegado o ultimo instante do enfermo. Frei Bento pedira a extrema-unção, e assistira áquelle terrivel acto, sempre de joelhos, com o crucifixo, voltado para o moribundo. Aos pés do leito estava o pai de Paulo, com as mãos erguidas, e os labios immoveis, e as feições de marmore como se a agonia o petrificasse. Os muitos amigos d'aquella virtuosa familia, voltados para um oratorio, respondiam á ladainha de Nossa Senhora, entoada lugubremente pelo guardião dos franciscanos. A morte estava ao pé d'aquelle leito; mas a esperança, preza á ancora da fé, estava em todos os corações.

Ouviram o respirar alto do moribundo. Frei Bento passou-lhe a mão pela testa, e retirou-a humida de suor glacial. Não eram menos frias as gotas que lhe inundaram o rosto. O facultativo assistente fechára o relogio, e sahira como homem inutil junto de um cadaver.

«Está morto?! — perguntou-lhe o frade, acompanhando-o.

O cirurgião encolheu os hombros e respondeu:

«Os impossiveis da sciencia só Deus os desfaz.

Frei Bento voltou, e pôz os olhos no oratorio, buscando a imagem do sancto querido de seu sobrinho. Não a vira. «Onde está o *S. Francisco* de marfim?» perguntou elle a seu cunhado. O aterrado ancião não respondeu. Tinha todos os sentidos prezos á respiração do filho, como para receber-lhe nos labios o derradeiro halito da vida.

O frade correu a mão por debaixo do travesseiro, e encontrou a imagem; ao pé da imagem estava a *Imita-*

ção de Christo; e, entre as duas paginas que lêra na egreja, o bilhete que Mathilde lhe pozera no livro.

Não podemos copiar do coração do justo as palavras mudas que disse á imagem do patriarcha da sua ordem, fervorosamente collada aos labios trémulos.

E' certo que o pai de Paulo soltára um grito. Todas as attenções alvoroçadas se voltaram para o moribundo, julgando-o morto, e viram-no com os olhos abertos, profundamente cravados no seu tio.

«Conheces-me, Paulo? — exclamou este.

Nos labios do enfermo adejou um sorriso instantaneo. E' indizivel a alegria que raiou nos semblantes. Ajoelham todos, simultaneamente electrisados da flama do mesmo enthusiasmo, e o guardião, erguendo os braços trémulos, exclama: — «*Senhor! nós te louvamos.*»

CAPITULO VIII

A religião triumpha

Paulo não morreu. A medicina foi derrotada. As melhoras instantaneas foram attribuidas a milagre do padre S. Francisco, e o contentamento não cabia no coração d'aquella boa gente. Frei Bento, recolhido á sua cella, derramava lagrimas de gratidão ao seu patriarcha; e os outros frades, celebrando o milagre como dom commum, e frequente na sua ordem, cantavam em communidade louvores ao Senhor, que mandára erguer o paralytico da porta do templo.

A convalescença foi segura e rapida. Paulo deu o seu primeiro passeio ao convento, e receberam-no os braços dos monges, como se fosse sobrinho estremecido de todos elles.

Voltando, entrou pensativo em casa, e parecia abstrahido das carinhosas perguntas do pai. O bom velho, que sahira, pouco havia, d'um naufragio, temia a tor-

menta a cada ligeira sombra que annuviava o semblante de seu filho.

«Dóe-te alguma coisa, Paulo? — perguntava elle tomando-lhe as mãos, que não correspondiam ao affectuoso tremor das de seu pai. — Não respondes, filho?! Estarás tu doente? Recahirás? Não te agazalhaste bem?

— Estou bom, meu pai. *Bom!*... não posso enganal-o... Eu estou cheio de uma amargura que não posso explicar-lhe. Não tenho no coração um logar sem um espinho...

«Porquê, Paulo? Que te faz soffrer tanto!...

— Têl o vivo, meu pobre pai.

«Pois é a minha vida que te peza?

— Queria têl-o visto subir, onde minha mãe o espera... Este mundo é muito triste... A sua desgraça principiou com a minha. Não teremos um dia, um só dia feliz de hoje em diante. Eu queria-me só nas torturas...

«Pois não esperas melhores dias para agradeceres a Deus comigo o beneficio que nos fez a ambos, concedendo-te a vida?

— Oh pai... o serviço de Deus tem penas muito grandes para quem o mundo repelliu de si com o desprezo, e com a injuria...

«Não te entendo Paulo.

— E' que a sua boa alma só entende o que é puro e nobre. Eu servirei a Deus... sim, quero servir a Deus; mas... quem me deu a vida... dar-me-ha forças para poder arrastal-a com paciencia?

«Ha de dar, filho .. Porque não fizeste essa pergunta ao teu sancto tio?

— Fiz, fiz; mas eu não posso fazer entrar no seio de um homem puro o meu coração, cheio do fel que me cá verteram, quando eu era tão feliz, e tão inoffensivo com o meu amor... E tão desgraçado, meu Deus!... Quem dirá o que eu tenho soffrido?

As lagrimas embargaram-lhe a voz, cortada de soluços. O ancião, sem poder sondar a profundeza d'aquella dôr, em vez de palavras de esteril allivio, chorava, voltando a face veneranda para o oratorio.

Paulo ergueu-se dum impeto a abraçar seu pai. Que convulsiva effusão! que mudez tão dolorosa a d'aquelle abraço! As palavras crispavam-lhe os labios em syllabas cortadas. Havia alli a soffreguidão d'um terrivel adeus que não se diz senão assim.

Serenada a commoção, Paulo violentando o sentimento exterior a uma tranquillidade contrafeita, fallou assim:

«Meu pai, o mundo acabou-se para mim. Quando me ergui do leito, onde tive comigo a morte, não me ergui para a vida, foi para sentar-me á beira da sepultura, e esperar ahi o meu anjo bom, que eu, na desgraça, lançára de mim. Morto já eu estava, meu pai; mas, duas vezes morto. O meu espirito cahira, e o Senhor compadecera-se d'elle. Mandou-me erguer, e eu não sabia para que, nem sei para que estou aqui, se não procuro converter estas lagrimas em desconto das minhas culpas.

— As tuas culpas, filho!...

«As minhas culpas, sim. Onde está um justo? Quan-

tas blasphemias eu não vociferei desde que me arrancaram com o coração essa pobre victima que eu fiz...

— Tu, não, Paulo; não foste tu.

«Fui, fui; mas, perdão, meu pai. Eu peço, eu supplico, eu quero o seu silencio, silencio eterno a respeito d'esta desgraçada mulher. Nenhum de nós, ninguem na minha presença pronunciará mais o seu nome. Morreu. Mathilde morreu. Está dito para sempre o nome d'ella. Não profanemos o seu sanctuario, ou o seu cavalete de torturas. Deixal-a purificar-se, se eu a manchei com o meu amor puro como o amor dos anjos. Não póde haver entre nós mais nada. Somos dous cadaveres de duas sepulturas unidas.

— Ainda não, Paulo, ainda não. Mathilde aínda não fez votos, é noviça; empreguemos todos os esforços...

«Para fazel-a revoltar contra a vontade de seu pai? Não, não. Eu não posso dar-lhe em troca da desobediencia o caminho do céo. Morreu, sei que morreu; porque não sinto em mim o mais fugitivo alento de esperança. Não fallemos n'esse nome, que é disputal-a a Deus...»

Eram bem razoaveis os receios do velho, vendo a côr febril de Paulo. Queria responder-lhe; mas temia transtornar-lhe a convalescença ameaçada. Deixou-o só, e sahiu a pedir conselho a frei Bento.

Largo espaço estiveram juntos. O pai de Paulo sahiu, quasi em braços, e desfallecido. Que terrivel revelação lhe fizera o monge?

Procurando seu filho, apertou-o ao seio, exclamando:

— Tu queres deixar-me, Paulo?! Assim se desampara

um velho á beira da sepultura? Não ha remedio para a tua dôr senão na vida religiosa?

Paulo, fixando os olhos pasmados nos transportes de seu pai, não respondia. O velho proseguiu em queixumes inspirados pela eloquencia da sua dôr. Era magnifico de amargura o espectaculo, quando frei Bento assomou á entrada do quarto do oratorio, onde esta scena se passava na presença de Christo.

— Meu irmão — bradou o velho — ajude-me a encontrar em meu filho o amparo da minha velhice. Não me deixem sósinho com a cruz dos annos retalhados de tormentos. Perdi pai e mãe, perdi minha mulher e quatro filhos, tenho de cada perda uma chaga aberta no coração. Deixem-me fechar os olhos, sem que eu sinta mais esta.

Frei Bento tomou a mão do cunhado, e aproximou-o do oratorio, dizendo:

«Meu irmão, pergunte a Deus se seu filho Paulo, vestindo o habito de S. Francisco, no convento que está a cincoenta passos de sua casa, abandona seu velho pai. Pergunte... e ouça a resposta no coração. Pergunte, e o coração lhe dirá que seu filho precisa saborear-se n'um amor, que não póde beber sem fézes nas fontes impuras da terra. O coração lhe dirá que é doce a morte do varão justo, que deixa seu filho envolto na mortalha com que ha de inclinar-se sobre a terra sacudida das suas sandalias... Meu irmão, tem riquezas? Não serão ellas muitas, porque as adquiriu com honra. Deixe-as, essas poucas ou muitas que tem. Deixe-as a um hospital, onde se dá um lençol ao enfermo, um bocado de pão ao fa-

minto, e uma oração á alma do que pediu á caridade uma enxerga onde morrer. Venha com seu filho, e terá uma cella junta á d'elle. Debaixo das telhas sagradas, terá uma familia: eu e elle somos tudo que lhe resta. Dos tres o primeiro que der aos outros o ultimo adeus, terá quem o chore, e lhe feche os olhos, e lhe diga o «até logo» da eternidade.

O pai de Paulo estendeu os braços trémulos para receber o frade e o filho.

CAPITULO IX

Os dois sanctos

Ha motivos para que o romance termine breve, leitores. Pedi-vos que o lêsseis ao pôr do sol, e deve ser quasi noite. Dos pinhaes fronteiros descem sombras carregadas. A cinta rubida do horisonte desvaneceu-se. Este local é triste, d'aqui a pouco.

Lêde depressa, antes que a poesia do quadro vos fuja com a luz dos olhos.

Correram quatro annos.

Paulo era frei Paulo da Paixão, no convento de S. Francisco em Villa Real. Seu pae morrêra abençoando-o, e recebendo a benção do cunhado. O tio morrêra-lhe nos braços, conversando com o anjo do resgate, que lhe segredava consolações para os frades que o choravam.

Frei Paulo julgava-se só e livre para provar o coração na derradeira experiencia do martyrio. Se me pergun-

taes quanto tempo durou a imagem de Mathilde na alma d'elle, dir-vos-hei, que não sei o que a estas horas se passa na estancia, onde se completa o destino do homem.

O que eu sei, é que em 1821 aquella casa, que além vêdes, amarella, com janellas apalaçadas, era o pobre CONVENTO DA CONCEIÇÃO. Poucos frades de sancta vida queriam voluntariamente desterrar-se n'aquelle ermo. Pediu-se, n'esse tempo, aos conventos da ordem alguns frades de mais austera vida, que viessem manter alli o culto do Senhor. De Villa Real só um frade se offereceu: era frei Paulo.

Veio. Ide lá, e vereis ainda a padieira da porta onde elle bateu. Abriram-lh'a e elle entrou para nunca mais sahir.

A uma legua de distancia, como sabeis, estava o convento das carmelitas, onde Mathilde era freira. Se não conheceis bem o convento, procurai no Porto uma egreja, onde estão armazenadas carruagens, arreios, mêdas de palha, e saccos de grão, de não sei que alquilador. E' lá. E' alli n'aquelle claustro — onde os estafetas accommodam as cavalgaduras—que Mathilde soube de sua tia que frei Paulo era conventual na CONCEIÇÃO.

Quando recebeu esta nova, passeava ella amparada nos braços de duas freiras, que a conduziam a respirar na cerca o ar que os pulmões lhe convertiam em elemento destruidor. Estava phtysica.

Frei Paulo viu, uma vez, lagrimas nas faces de um frade, seu visinho de cella. Interrogou-o, e soube que

era elle o confessor de uma religiosa therezinha chamada *Mathilde das Sete Dôres de Maria Sanctissima.* Accrescentou o frade, que a sua confessada estava agonisante, depois de quatro annos d'uma attribulada phtysica pulmonar.

«Oremos por ella, irmão—foi a resposta de frei Paulo, e ajoelharam no degrau d'aquella capellinha, que lá vêdes branquejar, se subirdes o rio Lessa.

Dois dias depois, o mesmo frade que chorára voltando do Porto, entregára a frei Paulo uma caixinha de pau preto, que lhe era remettida pela priora das carmelitas,

Frei Paulo quiz desatar a fita que a cingia com muitas voltas; mas a mão tremente não atinára a desdar os nós.

«Abri...—disse elle ao companheiro.

Era a imagem de SANCTA THEREZA DE JESUS, que Paulo déra, doze annos antes, a Mathilde, e um bilhete aberto, como servindo de envoltorio á esculptura.

O bilhete dizia o seguinte:

Não sei se cumpri á risca a vontade do Senhor. Paulo ora a Deus por Mathilde.

«Pois sim, Mathilde...—murmurou frei Paulo—eu vou orar a Deus por ti.

Oraria? Os cabellos d'elle estavam hirtos. Nem uma lagrima no rosto cadaverico! A immobilidade da estatua da agonia! Tiraram-no d'aquella postura, conduziram-no á cella, lançaram-no sobre as taboas do leito, onde nunca estiveram palhas.

«Ouvi-me de confissão, frei Amaro—disse elle ao confessor de Mathilde.

Retirou-se a pequena communidade: mas, pouco depois, o padre confessor abria a porta da cella, e exclamava:

—Trazei a extrema-unção, depressa.

«Sim... depressa...—balbuciou frei Paulo.—Olhai, irmão... as duas imagens, se o Prelado o consentir... lançai-as na minha sepultura.

Ministraram-lhe o ultimo sacramento.

«Perdoai-me todos... foram as suas penultimas palavras. E as ultimas, quando, desceu da cruz os olhos, porque a mão da morte pesava n'elles, foram:

Consummatum est.

Agora, recolhei a vossas casas, leitores. Ide aos vossos bailes, scismai nos vossos calculos de fortuna, fazei de conta que a vida é uma brincadeira, folgai, e, se vos poderdes furtar um instante ás vossas orgias illustradas, vêde se é possivel fazerem-se dois sanctos fóra de Roma. Todavia, tenho a franqueza de dizer-vos que não vos vejo muito habilitados para sanctos dos que por cá se fazem assim, e dos que por já se fazem, d'outro modo.

Não ha, já agora, Mathildes nem Paulos, pela mesma razão que não ha conventos. Os cavalheiros do habito

de Christo, esses hade havel-os em todo o tempo; e os de hoje, mais medrados nas insignias nobiliarias, gloriam-se de terem filhos dignos d'elles.

Este mundo é o melhor de quantos ha, diz o doutor Pangloss, e eu tambem.

IMPRESSÃO INDELEVEL

1842

I

Nunca te contei, meu caro Barbosa, o fecho ou desfecho d'uma affeição dos meus quinze annos? Creio que não.

Estás farto de confidencias do homem; as da criança, até muito tarde criança de coração, essas começam hoje a ter valor para mim; porque não sei o que ha entre puericia e caducidade, que as lembranças mais visinhas do berço andam juntas aos temores do tumulo! Eu penso que sei o mysterio d'isto. E' que a razão das paixões é sempre turvada de borrascas, e os horisontes que o peregrino deixa após si, tolda-os a nevoa escura, fogem-nos a vista, perdem-se-nos de saudade, não ha sequer vontade de volver a elles. E' preciso que o céo aclare, que a viração da tarde da vida desfaça as nuvens do meio-dia, que a alma repoise das oscillações com que não póde... então sómente o preterito vem á evocação da saudade, as cans do espirito rejuvenescem,

a poesia brota ainda uma flor, e essa flôr, acarinhada bem ao seio, dá-nos no fim da vida os perfumes do principio d'ella.

O meu céo está hoje claro e transparente como um vacuo immenso. Sem presente, e frio ás commoções do provir áquem da campa, o meu ser, a faculdade unica, o orgão unico da minha vitalidade é a memoria. As impressões sentidas ha quinze annos revivem hjoe. O sentir é menos poetico do que foi então, mas é mais reflexivo, mais philosophico, deixa-me servir d'este adjectivo commum de tudo. Começo agora a fazer excavações nas ruinas do grande mundo que fiz, e desbaratei. Acho datas memorandas, lapides com legendas, que resumem, n'um traço, a vida de um anno, e até algumas que abalisam á passagem do éden da innocencia para o inferno dos desenganos. D'essas, algumas estão oxidadas como os bronzes das necropolis. E' necessario limar, delir a crusta que as desluz: este effeito consegue-se algumas vezes com lagrimas, em que a saudade é o reagente.

Queres vêr, meu amigo, uma das minhas exhumações?

II

Aos meus dez annos, levantou-se uma tempestade no seio da minha familia. Uma vaga levou meu pai á sepultura; outra atirou comigo de Lisboa, minha patria, para um torrão agro e triste do norte; e a outra... Não

merece chronica a outro: arrebatou-me um esperançoso patrimonio. Foi bem pregada a peça para que não tivesse a impudencia de nascer, a despeito da moral juridica, filho-bastardo de não sei que nobre. Disseram-me que uma lei da Senhora D. Maria I me desherdava. A boa da rainha, se tivesse amado mais cedo um certo bispo, não legislaria tão cruamente para os filhos do peccado. Denominava-se — *a piedosa*, pela mesma razão que um rei nosso, soprando a fogueira de vinte mil hebreus, se chamou — *o piedoso*. A boa da historia é uma trapalhona!

III

Fui educado n'uma aldeia, onde tenho uma irmã casada com um medico, irmão de um padre, que foi meu mestre. O mestre podia ensinar-me muita coisa que me falta; mas eu era refractario á luz da gorda sciencia do meu padre. Fugi de casa para a serra, dava muitos tiros ás gallinholas e perdizes; porém, louvado seja Deus, não me dóe o remorso de ter matado uma!

O meu gosto era pascer o rebanho de casa por aquelles saudosos valles. Todavia, minha irmã oppunha-se a este humilde serviço. Dizia-me coisas que eu não percebia ácerca da minha dignidade; reprehendia os meus baixos instinctos; attrahia ao seu voto o marido e o padre, e cortava-me o rasteiro vôo escondendo de mim a

clavina, o polvorinho, e os salpicões, e a borôa, e a cabacinha da agua-ardente.

Não obstante eu pedia tudo de emprestimo, e ia com as ovelhas para o monte. Passava lá o dia inteiro, sentado nas espinhas d'aquelles alcantis fragosos, sempre sósinho, scismando sem saber em quê, engolfada a vista nas gargantas dos despenhadeiros. N'este instante, vejo palmo a palmo aquelles sitios. Se eu alli fôr, vou sentar-me ao pé de uma rocha, no recosto de uma brenha, justamente onde recebi, ha quinze annos, dois anneis de missanga. Ora estes anneis...

IV

Estes anneis, meu caro Barbosa, déra-mos a Maria do Adro.

Sabes tu lá quem era a Maria do Adro?! Desce da elevada esphera, por onde voejam as tuas preoccupações, cá abaixo, ao raso de uma mulher do povo.

Maria do Adro era filha de uma viuva pobre. Tinha dezesete annos. Fôra bonita até aos quinze; depois uma enfermidade grave emmagreceu-lhe a face, amarelleceu-lhe a pelle, e sugou-lhe a seiva que viçava em flôres por todo aquelle rir e olhar de descuidosa innocencia. A' mudança de semblante correspondeu a da alma.

Fez-se melancholica e taciturna. Não arranchava para dançar de roda, nem cantava nas espadeladas do linho.

Chamavam-lhe «môna» as azougadas companheiras, e ella o que respondia ás provocações era: — Andai, andai raparigas; eu tambem me diverti assim, quando tinha saude.»

E muito divertida dizem que ella fôra! Cantava ao desafio com muita graça, e até, dizia-me o padre-mestre, com versos certos e sentenciosos.

Minha irmã disse-me uma vez: — «Esta Maria do Ádro distingue-se entre todas as outras. Tem um ar senhoril, que não parece do seu tracto.»

Isto impressionou-me, e eu reparei na moça, que até alli me fôra indifferente.

V

Reparar, quando o coração repara mais que o juizo, é amar. Achei a tal distincção. Esqueci as perdizes e as ovelhas; ia sempre que Maria estava em casa, sentar-me n'um tóro de castanheiro á porta d'ella; visitava-a na leira, cortinha, ou horta onde ella estivesse; dizia-lhe todos os dias a mesma coisa, e ella respondia-me sempre com o seu sorriso meigo, dando-me umas vezes uma flôr do monte, outras um abraço de videira.

Maria, de madrugada, não faltavá á primeira missa. A aldeia tinha cinco padres; e eu, por causa d'ella (Deus me perdôe a intenção) ajudava ás cinco missas, se Maria estava até á ultima; se não, não. Na quaresma, era

certa todos os domingos á tardinha na Via-Sacra em redor do presbyterio. Lá ia eu para a Via-Sacra, ouvir o numero de gemidos que uma arithmetica piedosa fez gemer ao Salvador do Mundo. Minha irmã, que devia á devoção a sua felicidade, era, quasi sempre, a que entoava as estações. Tudo poesia para mim! Comecei a quinhoar da fé que a divina graça repartia por ambos. Minha irmã Carolina, que eu vira em Lisboa, preparando-se para entrar no golfão das delicias brilhantes, onde é necessario, para haurir o gôso completo, esquecer a Deus!... Alli, depois, entre quatro montanhas, aos vinte e dois annos, com um livro de Via-Sacra, ajoelhada, diante de uma cruz tôsca!... Entra n'isto, meu amigo...

VI

Nos dias de calma, pela estação das segadas, eu ia sentar-me debaixo de um castanheiro visinho da leira, á hora da sésta, conversando com Maria, emquanto as outras dormiam, ou pulavam em redor de uma viola.

Nunca lhe disse que a amava. Parece-me até que não conhecie ainda este verbo, em cuja conjugação depois me exercitei tanto que lhe descobri um tempo novo: é o *plusquam imperfeito*.

Que lhe diria eu?! Perdi a lembrança do colorido; retive, apenas, as imagens núas d'aquelles quadros da innocencia. Sei que encostava a cabeça ao regaço d'ella,

e este grupo faziamol-o com tanta singeleza, que a aproximação d'alguem não nos assustava.

Dado o signal do trabalho, Maria tomava a sua foucinha, e entregava-me o ramo de boninas que andava colhendo e atando com um fio de cabello.

Eu, depois, saudoso d'ella, subia ao cerro de uma collina afastada, d'onde nos viamos. Os segadores se me enxergavam, faziam-me estridorosos apupos, á sua moda; e Maria sem erguer-se do seu trabalho, entristecia-se por aquella falta de respeito a mim.

Eu não volvia ao povoado, sem esconder-se o sol, e os segadores sahirem do campo. Maria, por caminhos travessios, sahia-me ao encontro, e vinha comigo, quasi sempre silenciosa ou recolhida em si.

Enfastia-te a simplicidade do conto? Era assim a nossa vida. Quando eu inventar, arripiarei os cabellos ás minhas imagens.

VII

Tres mezes depois, mandaram-me sahir da aldeia. O padre-mestre não me podia aturar. Tinha razão... minha irmã, boa para todo o mundo, menos para mim, era indifferente á minha sahida. Feriram-me todos o meu orgulho, e eu deliberei sahir sem despedir-me, excepto de Maria, que recebeu o meu adeus n'um spasmo, que a não serem as lagrimas, tomal-o-hias por insensibilidade estupida. Demorei-me, algumas leguas distante, em casa

de um parente, poucos dias. De lá fui para Lisboa, onde nunca recebi novas da aldeia. O meu conselho de familia, passados sete mezes dos ociosos quinze annos com loucuras dos trinta, intimou-me a sahida de Lisboa, pena de considerarem o meu estomago uma viscera inutil. Vim para o Porto estudar os preparatorios da universidade; e, como o tempo me sobejasse, estudei anatomia. Não te pareça demazia de miudezas o meu estudo anatomico. Lá iremos á applicação.

Encontrei aqui um lavrador lá de cima, vindo de não sei que romagem ahi para o Minho, e pedi-lhe novas da Maria do Adro. Disse-me que a cachopa estava cada vez mais acabada, e o mestre da saude não lhe dava muito tempo de vida.

Tive muita pena. Quiz então escrever-lhe; mas ella não sabia lêr. Mandei-lhe muitos abraços e recados pelo romeiro, e a certeza de que no principio de agosto iria vêl-a.

VIII

Senti vivas saudades de Maria, e tambem remorsos de esquecêl-a, quasi, em Lisboa. Esperava com ancia as ferias-grandes, e afigurava-me o jubilo com que ella me veria, depois de quinze mezes. Quantas vezes eu ia do atrio do Bomfim pasmar, os olhos n'aquellas serras que ficam lá para o nascente! Penso que fui poeta um dia...

Chegaram as ferias, fiz acto de anatomia, e fui premiado com um indulgente *R.* De boa vontade acceitava eu tres, com tanto que me deixassem sahir mais cedo. Esperava-me o cavallo com a magra mala. O arrieiro perdeu-me de vista em Vallongo, e encontrou a meio-caminho o cavallo aberto dos peitos, com não sei quantas sobrecanas de mais, e ferraduras de menos.

Aluguei em Amarante uma égua nervosa ao estimulo da espora, e em dia e meio venci as oito leguas.

Quando vi as montanhas da minha terra adoptiva, alvoreceu-me um arraiar de alegria n'alma, que não sei dizer-te! Era não sei que parecia com o trinar dos passarinhos em aurora de estio. Tinha vontade de cantar, de rir, de poetar, de beber a longos sorvos um ambiente balsamico em que o meu coração doudejava embriagado!

Já via os castanheiros seculares a circumdarem a casa de minha irmã. Já tinha encontrado duas pessoas visinhas d'ella. Estive quasi a apear para abraçal-as! Não sei que traços de parecença eu achava entre Maria e as duas moças que segavam herva n'um lameiro contiguo á estrada.

«Já não conhece a gente?! — disse uma d'ellas.

— Conheço, Luizinha; conheço, Anna; podéra não conhecer! Como estão vossês? rijas, heim?

«Como um ferro, graças a Deus. Então já sabe?

— O que?

«Pois não sabe que a Maria do Adro...

— Que tem? está doente?

«Está com Deus... Morreu faz amanhã um mez

IX

Meu caro Barbosa, tu crês nas lagrimas aos dezesete annos? O que eu senti primeiro foi uma como cegueira momentanea. Fugiu-me a rédea da mão, e apertei instinctivamente os joelhos ao selim. Depois, saltaram-me dos olhos repentinamente as lagrimas, e ouvi, e senti no coração alguma coisa similhante a um estalo.

Vi que as duas mulheres me contemplavam consternadas, e uma d'ellas disse á outra:

«Eu não te disse que elle era muito amigo d'ella?»

X

Passada a turvação, resolvi não estar na aldeia; porém, um outro pensamento, proprio da minha idade e alma de então, venceu o primeiro. Queria vêr-lhe a campa, queria que me contassem a agonia d'ella. Meu cunhado havia de sabel-a... Fui.

O padre-mestre recebeu-me com affabilidade. Acharam-me todos mudado, mais magro, mais feio, e muito triste. Logo que pude fallei em Maria a minha irmã; respondeu-me seccamente, «morreu tisica... reze-lhe por alma.»

Que dia aquelle, meu caro poeta! A uniformidade de trajos, nas mulheres d'aquella aldeia, fazia-m'a vêr em

todas. Das janellas avistava os logares onde estiveramos juntos. A mesma fonte, a mesma sombra de castanheiro, o mesmo socalco de relva, tudo, menos ella!

Ao toque das Ave-Marias d'essa tarde, n'um vasto salão sem luz, quando o padre-mestre proferiu *O Anjo do Senhor*, ergui as mãos, orei fervorosamente por Maria, senti desabafar-se-me o coração em lagrimas, e fiquei melhor.

Ao anoitecer, sahi. Fui ao adro do presbyterio deserto, espreitei pelo oculo lateral da porta, vi a luz baça da lampada estirando-se nas sepulturas, imaginei a de Maria, e orei ainda. Depois, fui longe, muito longe, por devezas e charnecas, palpando a imagem d'ella nas sombras, sentando-me onde a primeira e ultima vez lhe fallára.

XI

No dia seguinte, disse-me meu cunhado:

«Sabe alguma coisa de anatomia?

— Eu fiz um exame.

«Atreve-se a ajudar-me a preparar um esqueleto?

— Poderei ajudal-o.

«Então, guarde segredo, porque é preciso que meu mano padre o não saiba. Temos de ir á egreja desenterrar um cadaver d'uma rapariga que morreu tisica.

— A Maria do Adro? — atalhei eu com extranha vivacidade.

«Sim: quer?

— Quero, quero. Vamos hoje mesmo desenterral-a?... Não estará ainda corrompida?

«Não: como estava muito magra, bem sabe que os tecidos que primeiro se corrompem são os cellulares... E' natural que nem sequer cheire mal. Em todo o caso, levaremos agua de cal para borrifar o cadaver...

XII

Lembra-me que fuzilavam os relampagos d'uma trovoada de agosto quando entramos na egreja, pela porta da sacristia. Já lá tinhamos uma alavanca e uma enxada. Entrei na egreja, alumiada a espaços pelo lampejo azul dos trovões, com religioso terror. Ajoelhei machinalmente, e senti os sustos d'um sacrilego.

Meu cunhado deu-me animo com riso desdenhoso. Abalamos a pedra tumular com o ferro de monte. Sustentamol-a no pendor com o peito. Revezamo-nos a cavar, até encontrarmos as taboas lateraes do esquife. Não consenti d'ahi em diante o uso da enxada. Tirei a terra ás mãos-cheias, até sentir debaixo dos dedos, que cravava na terra, as fórmas de um corpo mole. Eu tinha a cabeça em lume: as pulsações do coração eram tão fortes que me agoniavam: não senti cheiro mau, senão o da terra impregnada de ossadas em pó, de vertebras, e pedaços de habitos mortuarios, comtudo angustiava-me uma sensação de nausea, mas toda moral, sensação que nunca mais experimentei.

Meu cunhado, vendo me descórar, offereceu me um vidro de espirito, que eu não acceitei. Proseguí na exhumação, até encontrar as pontas do lenço que cobriam a face do cadaver. Segurei as quatro pontas nas mãos trémulas; tirei devagar o panno, e vi Maria.

Permaneci quieto, não sei que tempo, com os joelhos enterrados e a face pendida sobre a face morta. Não sei dizer-te o que pensei. Talvez nada! A alma n'estes lances creio que se aniquila. Ha dores com que o homem não póde, e Deus quando as dá assim, permitte a lethargia, a morte passageira, a paralysia dos orgãos conductores da impressão.

Meu cunhado ergueu-me pelos braços. Fitou-me com um sorriso... de medico, e affectou um ar de extranheza que eu antes quizera não fosse fingida.

XIII

O resto do trabalho fel-o elle. Eu sentei me na cadeira parochial, procurando as minhas ideias, que me fugiam em turbilhões. Como privado d'alma, o estrondo exterior azoava-me os ouvidos: era o embate da saraiva nas vidraças da egreja, e o ranger das arvores que açoitavam as cornijas. Eu estava como tranzido de mêdo. Era no estio, e sentia uma especie de serpente glacial cingir-me das costas para o peito.

O cadaver fôra lançado n'um cesto. Esperámos que anoitecesse, e eu tomei uma áza do cesto ajudando a

transportal-o para uma mina sêcca na margem do rio.

O dia seguinte fôra o designado para dissecarmos o cadáver. Prepararam-se escalpellos, thesouras, e bistoris, durante a noite. Meu cunhado foi chamar-me de madrugada á cama, e achou-me passeando no meu quarto.

«Já a pé! — disse elle, admirado.

— Ainda me não deitei.

«Como?! — E abriu uma janella para aclarar o quarto. Observou-me, tomou-me o pulso, e mandou-me recolher á cama. Quiz resistir á ordem; mas eu mesmo senti a necessidade de cumpril-a.

Não sei que tempo estive doente. Quando me ergui perguntei que remedios me tinham dado, e soube que estivera oito dias com pannos ensopados em vinagre na cabeça. Recordo-me vagamente de ouvir dizer uma vez o padre-mestre a outros:

«Diz minha cunhada que muitas pessoas d'esta familia endoudeceram...»

CONCLUSÃO

Falta dizer-te meu caro Barbosa, que o esqueleto de Maria está no quarto de meu cunhado. A caveira é de uma alvura de jaspe. Os dentes conservam o verniz do esmalte. As phalanges d'aquellas mãos que eu beijava não tem a mais pequena mancha. O seio onde lhe bateu o coração está vasio; todavia a symetrica inserção das costellas fez-me lembrar a cupula d'uma urna, onde um anjo do céo veio buscar um coração que não era de cá.

Diz-me tu agora:

Estas impressões, no principio da vida, não explicam a demorada agonia de vidas mais dilatadas? Póde-se morrer mais que uma vez. A sepultura é que é só uma para cada homem. E' este o segredo do epitaphio de Scoto:

Semel sepultus, bis mortuus.

Se eu morrer na tua terra, dá-me este epitaphio, ainda que seja esculpido n'uma taboa.

SETE DE JUNHO DE 1849.

Trabalhei muito por comprehender todas estas coisas, e assentei que o homem não póde entender as obras de Deus; nem achar a razão do que succede debaixo do sol.

ECCLESIASTES IV

É, pois, um sancto e saudavel pensamento orar pelos mortos.

MACCABEUS.

Vamos recordar um amigo commum, meu caro Barbosa. Faz hoje oito annos. Era uma manhã assim formosa de poeticas louçanias como esta.

Eu conhecera José Augusto na vespera d'este assignalado dia. Contemplara-o muitas vezes com a preoccupação d'um convicto phrenologista. Achava-lhe no rosto, nas maneiras, no ar, um cunho de distincção, não sei que áparte de todos os rapazes da sua idade. Tinha elle um exterior frio, que muitos, e eu tambem, reputavam soberba. Era muito pouco mezureiro, e recebia com desdem ou indifferença as cortezias, como se entendesse

que era obrigatorio consideral-o um homem excepcionalmente admiravel e respeitavel.

A mim afigurou-se-me um fidalgote de provincia, educado pelo capellão, fruindo alguns mil cruzados de renda, ignorando tudo, menos algumas receitas de veterinaria, presumido com herdeiras ricas, e arremêdo d'algum primo, que esteve um inverno em Lisboa, e voltou para dar o tom á provincia onde se fez a fera, o leão de campanario.

Enganado por esta suspeita, não quiz ser apresentado a José Augusto, e elle, de genio inglez, não apertava a mão aos que o conversassem sem o precedente da apresentação.

Até simulavamos reciproca antipathia, e razão havia para ella, desde que nos encontramos em crua guerra por causa das celebres rixas do theatro lyrico de 1849, no Porto, em que eu fui um tôlo, e José Augusto um pretendente.

Uma noite, porém, no Café-Guichard, o nosso amigo sentou se á minha meza, e não sei o que me disse ácerca de uma poesia-folhetim, que alli estava, rica de erros de syntaxe, e injurias ao senso-commum.

Gostei do introito. Parecia-me outro, com grande vantagem sua, José Augusto. Por pouco nos não franqueamos os segredos do coração um ao outro. Estivemos em conversação agradavel algumas horas, e ajustamos um passeio a cavallo na manhã do dia seguinte.

Faz hoje oito annos: dia da romagem do SENHOR DA PEDRA, ao sul do Porto duas leguas, na costa de Espinho.

A's cinco horas da manhã apeei á porta de José Augusto. Achei-o dormindo no quarto, d'onde mezes antes, sahira Jorge Arthur, a precipitar se no Douro. Foi esta uma coincidencia que não merece nota; porém, para mim, teve-a, e não ligeira. Eu acho as harmonias desgraçadas de todas as cousas. Avulto, á feição das minhas chimeras, o que os outros amesquinham com a sua indifferença. O meu espirito é pequenissimo: qualquer cousa o enche.

As iniciaes de Jorge Arthur, e as iniciaes de José Augusto... até essa coincidencia do alphabeto me deu que scismar!

O nosso amigo acordára bem humorado. Não havendo alli quem me guardasse o cavallo, disse-me José Augusto que o trouxesse para o quarto. Ora, o quarto estava na plana do corredor, ao rez da rua e não era a primeira visita similhante que recebia. Entrou o cavallo para o quarto, emquanto José Augusto se vestia, e a dona da casa, acordada pelo pizar estrondoso do irracional, dizia de lá que eramos todos a mesma gente. Coitada da pobre senhora! Dizia muitas d'estas amabilidades, e tinha razão.

Sahimos para a romaria, não menos alegres que o populacho que enchia a estrada. Communicavam-nos a sua alegria as bailadeiras incansaveis, com o vestido arregaçado a meia perna, e os garridos lenços soltos ao capricho das evoluções lubricas da *Sirandinha* e *Canna verde*. Chasqueavamos os carroções, tirados por parelhas de gemebundos bois, costa acima por aquelles algares de Villa Nova de Gaya, a transbordarem cabeças de numerosis-

simas familias que se impilhavam sabe Deus como. Aproveitamos o ridiculo de tudo, e até do sério tiravamos o sal que a nossa alegre imaginação lhe emprestava.

Chegamos a uma legua do Porto, e encontramos uma graciosa aldeia marginando d'ambos os lados a estrada. Notei uma pintoresca morada de quatro janellas envidraçadas, com rotulos verdes. Respirava frescura aquella cazinha de um exterior tão limpo, tão cuidado, como se alli morassem as fadas dos contos, que se aprendem na infancia, e ficam entalhados na alma, como a expressão plastica do bello, que a imaginação adulta não sabe pintar melhor.

«Alli — disse José Augusto — moram duas lindas mulheres. Já as vi algumas vezes, e, quando as vejo, fico pensando n'ellas alguns dias.

— E' o que hoje lhe não acontecerá — disse eu — porque não vimos nada.

A alguns passos de distancia, José Augusto parou, e disse:

«Deixemos passar esta gente para ficarmos sósinhos. Quero que veja um lindo local.

Era, certamente, lindissimo o sitio que estava a cincoenta passos de nós, na margem esquerda do caminho.

Via-se a casa meio arruinada do morgado de Villar de Paraizo, Fernando Camêllo. Nas paredes afumeadas abriam-se algumas pequenas janellas de rustico lavor, com portadas de pau, por detraz dos fragmentos de caixilhos, que as ventanias despojaram dos vidros.

Ao pé da casa estava a egreja matriz, mais pequena

que uma capella particular, com o sino enforcado entre duas tranqueiras de pedra, e um carvalho corpulento de cinco seculos, abraçando com a rama a torre, e cobrindo com a sua larga cópa o adro, a egreja, e a escadaria larga que levava ao adro.

Nos campos que circuitavam o outeiro, em que o seculo XIV vira surgir o solar dos Camêllos, pastavam algumas vaccas com os novilhos, e uma égua farejava e lambia a cria que se espolinhava na relva. Ouvia-se a preguiçosa toada de uma cantiga pastoril. Tem uma suave tristeza este cantar dos campos, mórmente para os que foram creados na aldeia. Ha poesia, ha saudade, ha reminiscencias da alma innocente n'esses instantes de recolhimento: ha tudo, menos a esperança para o habitante das grandes cidades, onde, em cada dia, se alarga mais a voragem dos prazeres simples.

Sentiamos o mesmo ambos; dizia o mesmo o nosso silencio. Entrára em nós um ar de melancholia que nos quebrava as forças e a vontade com que sahiramos do Porto.

Assim estivemos meia hora, ou mais seria, n'aquelle alheamento de sentidos.

José Augusto disse-me que a sua vontade era viver n'aquella casa, ser o que poderia ser na sua aldeia se nunca de lá sahisse, amanhecer alli em cada novo dia com o coração cheio das esperanças moderadas do homem da natureza, que está sempre mais em contacto com a Providencia divina, e nunca se arreceia dos seus rigores.

Proseguindo neste respirar de boa alma, exaltou-se

até ao sentimento do amor fino e quasi imcomprehensivel como nós sabemos, meu caro Barbosa, que era o amor em José Augusto.

«Aqui — proseguiu elle — a mulher teria o valor que lhe dá a primeira paixão. Deus e ella seriam aqui todas as minhas affeições. Veriamos, a toda a hora o céo, onde a nossa ventura, interrompida um instante pela morte, se continuaria no seio da bemaventurança. E onde está essa mulher que podesse dar-me alli a felicidade?! Não a ha, talvez, porque tenho sido, e serei sempre enganado pelo prisma que já agora se vae embaciando.

Aquellas mulheres que além moram, na casa que eu lhe mostrei, devem alli ter vindo muitas vezes sentar-se debaixo d'aquella arvore. O que sentirão ellas?! Como terá sido o desenvolvimento d'aquelles corações a este ar balsamico de innocencia e perfumes do céo?! Estão para aqui escondidas duas flôres, que dariam um aroma de vida a homens expirantes de cansaço.

Quem me dera vêl as surgir agora além, no portal da egreja, onde muitas vezes irão derramar na oração o amor indefinido que lhes enche o seio?... Aqui estou eu amando mulheres que apenas vi duas ou tres vezes de passagem! Será isto poesia? O mundo tem sobeja razão de escarnecer os poetas!... Vamos d'aqui: esta tristeza é de mais. Por mais annos que eu viva, jámais esquecerei este dia, e este sitio, e as saudades que senti.»

José Augusto era poeta. E poeta o que é?

Poeta é aquelle que desmente as leis anatomicas e physiologicas, vivendo do principio vital de uma unica

entranha: o coração. Poeta é o elo solto da cadeia social, excrescencia bastarda n'este mundo, pérola perdida em lamaçal de javardos, pompa e lustre das decorações theatraes a que assiste, ressonando, com a chusma de espectadores acéphalos, e abençoados da estupida fortuna.

Poeta é o amante da noite, da solidão, da lua, das estrellas, do mar, da fonte, da viração, do rouxinol, dos mil ruidos do silencio nocturno, das mil notas que psalmeam cantares a Deus.

Ser «poeta» não é ser metrificador, alinhador de compassadas syllabas, mestre de pauzas, e infatigavel esmerilhador de consoantes.

O poeta raras vezes faz versos; e, se os fez, além dos vinte e cinco annos, é infecundo, porque então lhe entrou na alma a noite do desengano, apagados os alvores da estrella, que lhe pronunciara um dia magnifico. Desluz-se-lhe o ar que o arraiára de resplendores; vão-se os perfumes que lhe incensaram o altar dos primeiros idolos; fecha-se o templo da fanatica devoção; e, d'ahi até ao fim da vida, a esperança, balda sempre, o seu amor, sempre vago, sempre sedento, é o devorar-se interior, uma constricção d'alma sem espiraculo.

N'esta, ainda bem, pequena tribu de infelizes, ha alguns que nunca envelhecem martyres, cuja corôa de espinhos inflora ainda sobre cabellos brancos.

Não é porque a terra lhes brote fontes onde elles mitiguem a sêde de indefinivel amor. Ao revez; todas as mágoas do desengano porfiam em maltractal-os. A sua confiança, desvendada hoje, cega-se ámanhã de novo. Uma

mulher os despenha, outra os levanta; uma despe as louçanias, que alindavam o limo terreno, outra se enfeita com as canduras prestigiosas do anjo. Diante do poeta está sempre a imagem sonhada. Viajeiro sem horisonte real, o seu deserto é confim do céo, e o poeta não vê jámais que, para a sua alma, áquem d'esse horisonte, está o impossivel; e se o vê, se o sente, não ha redemir-se do seu fadario.

Voltemos ao conto:

D'alli, até ao arraial da romaria, raras palavras trocamos, separados pela distancia que, sem consulta, nos interpozemos.

Chegados á praia, onde está a capellinha do SENHOR DA PEDRA, fizemos oração sem pejo de que nos vissem os nossos illustrados amigos que dispensam Deus. Depois, encostamo nos a um pinheiro, ouvindo cantar ao desafio.

Mais tarde, comemos o nosso sável, improvisamos duas conversadas, que nos chamavam *cassacas*, e sahimos do arraial com uma festança em que berravam desesperadamente tres clarinetes, e um zabumba.

Em Villar de Paraizo, outra vez defronte d'aquella egreja, deixamos a *esturdia*, e reatamos o fio das nossas contemplações.

Sahimos de lá ao anoitecer.

Vi as duas mulheres da casinha pintoresca. Pareceram-me realmente bellas, e d'alli ao Porto phantasiamos poemas em que os *dous anjos do êrmo* volitando no fulgor da estrella vespertina, desciam a inspirar-nos.

Acabou-se a historia.

Tu sabes que estas linhas podem ser a introducção de uma grande tragedia.

E' cedo para escrevêl-a; mas pódes, José Barbosa, dizer aos teus leitores suspensos, e queixosos do desinteresse do conto, o seguinte:

Seis annos depois, n'aquella egreja, em que estiveramos absorvidos longo tempo, esteve tres mezes embalsamado o cadaver da esposa de José Augusto, á espera de uma sepultura.

A esposa de José Augusto era uma das meninas da casinha de rotulos verdes.

José Augusto... bem sabes que deu um osculo na face morta de sua mulher, e foi tres mezes depois, recebel-o no céo.

Elle sabia que era lá o destino do seu amor.

Aqui tenho uma carta sua, escripta mezes antes da morte d'ella. Copiarei algumas linhas: «...Unica mu-«lher que amei, como sei e sinto que só tornarei a amar «no céo. E essa mulher vejo-a aqui pallida e desbotada «como a flôr dos tumulos...»

Silencio, e respeito ás cinzas de um grande desgraçado.

Hoje relerei estas cartas diante do retrato de ambos.

Ha umas palavras de *De Maistre* que eu sei, que eu tenho no coração.

São estas:

Ah! comme mon cœur est plain! comme il jouit tristement lorsque mes yeux parcourent les lignes tracées par un être qui n'existe plus! Voilà ses caractères, c'est son cœur qui conduisait sa main, c'est à moi qu'il

ècrivait cette lettre, et cette lettre est tout ce qui me reste de lui!

Como isto é melancólico, meu amigo! E que mundo este...

Adeus.

DO PORTO A BRAGA

De como Fernão Mendes Pinto foi um choramigas, e declara-se onde vamos, depois de muita erudição a este respeito, como, por exemplo, falla-se no urso branco, e outras alimarias. Diz-se que o diabo está na torre da Trindade, e outras coisas tristes de se lerem. Tracta-se do jarrete do cavallo, e da espinha lombar respectiva. De como o vehiculo era um lagar, e do mais que a este respeito se disser O author chama bruto ao dono do carro, com o devido respeito.

O titulo d'este escripto, como vêem, é modesto. Os trabalhos e mortificações de Fernão Mendes Pinto são uma patuscada confrontados com as augustias d'este viajeiro, que convida os leitores piissimos a compadecerem-se das aventuras de quatro homens que foram... a Braga!

Riem-se? Então larguem o livro, porque não podem compenetrar-se da compaixão que o caso pede, e injuriam com o riso a dôr tres vezes respeitavel do homem que, no Porto, se desvia, um pouco da *Praça-Nova*, e se afoita

a sahir fóra de barreiras com dois pares de piugas e uma camisa n'um sacco de noite.

Cala-se a admiração que nos pedem os chronistas de Vespucio, de Zarco, de Colombo, quando experimentamos o que é andar em terra firme, sobre quatro taboas movediças, em ar de carroça, onde não ha a calmaria dos mares, ou o movimento imperceptivel da vela, que lá nos leva, tangida pelo sopro da viração suave. Desapparece todo o ponto de similhança entre viajar em agua, ou jornadear em terra, se descemos ás comparações mal cabidas em lavor grave como este, mas indispensaveis para que se não diga que lamuriamos com pequenas cousas. Lá chegaremos.

Eram 5 horas da tarde de 26 de Junho de 1856, quando nos reunimos quatro homens, que, nascidos na Gran-Bretanha, teriamos morrido onde morreu Franklin: tal é a aspiração que sentimos para o desconhecido, e a ancia que nos rala de não sermos contemporaneos do infante D. Henrique. Filhos de Inglaterra, ou do aventuroso seculo das nossas descobertas, de certo, a não morrermos de tedio na cama, teriamos sido o pábulo dos crocodilos indianos, ou andariamos hoje na circulação sanguinea d'algum urso branco. Aqui porém, e depois de peregrinarmos tres dias, tal desalento se apossou de nós que todas as probabilidades nos levam a crêr que morreremos em algum catre de estalagem devorados por persevejos. Morte affrontosa e suja!

Reunidos, pois, no largo da Trindade, L. B. — J. B. — E. B. —e este vosso attento venerador e criado, estavamos alli esperando que o auriga ajaezasse as horsas,

e as atrelasse á ambulancia, innominada ainda na grande variedade de locomotivas, desde o carroção-Oliveira (*) até ao gig. Na physionomia de todos quatro via-se a pallidez do receio, aquelle medo invencivel aos mais corajosos, se commettem uma empreza de muitos perigos, posto que de muita gloria, quer vençam, quer pereçam n'ella. Este terror é permittido ao arabe que mata um leão a tiro; ao navegante que fita a agulha no pólo; e ao destemido que vai a Braga! Depois d'estas emprezas angustiosas só conhecemos o artigo do fundo, e o drama em 5 actos com prologo.

Estavamos, pois, em muda conversação com os nossos espiritos, quando o carrilhão da Trindade badalejou a aria do *Rigoletto*. A indignação espertou-nos do extasis doloroso. Esporeou-nos o animo abatido aquelle estranho insulto ás artes. Diz *Werner* que depois da palavra divina, o mais delicioso que póde ouvir-se é a musica. Seria; mas o diabo empoleirou-se, faz hoje cinco annos, nos corucheus da Trindade, e a musica tornou se o seu palavriado satanico.

Desejamo-nos então longe do Porto. Calaram-se receios, e saudades. Cederam á zanga os sentimentos grandes. Partimos.

Principiaram os trabalhos. Nós eramos quatro, o carro

(*) *Manuel José d'Oliveira* é um nome respeitavel do Porto, proprietario de innumeraveis carroções, cuja alma elle é, e irá com elles, de metamorphose em metamorphose, até ao derradeiro bocejo da humanidade.

tinha quatro logares, porém, faltava um para o chapeu de E. B. Tive então motivo para entender a justa cólera com que Alphonse Karr fulmina o chapeu canudo, este monstro de fêlpo que atravessou intacto as revoluções sociaes dos ultimos cincoenta annos. E. B., receiando eclipsar-se nas cavidades insondaveis do seu chapeu, sendo internado n'elle por um dos solavancos do carro, appellou para a generosidade de J. B., e alcançou um bonnet portatil, que o pôz a salvo do jogar de cabeça contra a abobada da locomotiva, e nos salvou a nós de uma trabalhosa defeza contra as aggressões d'esta catapulta do *Maya e Silva*. (*) Deslocado o chapeu, era necessario acondicional-o no porta-malas, ou recebel-o entre os braços como se faz a uma gorda criancinha de seis annos, vestida de marthas. Além não podia ser, porque a nossa bagagem era volumosa como convinha a homens que iam com esperanças de passar lá fóra longo tempo, endireitando as fracturas das pernas antes de repousar no seio da familia. Foi preciso, pois, tomal o nos braços, ou apertal-o entre os joelhos, porque, se o penduravamos, a avalanche deslocava-se, e, cahindo semeava entre nós a discordia e a inquietação.

Que nos perdôem os espiritos fortes: o nosso trem

(*) Prevendo que estes folhetins vão ser traduzidos, convém que o traductor allemão, e os outros, saibam que *Maya e Silva* é um chapeleiro dos mais imaginosos da rua de Sancto Antonio, no Porto. Não queremos a immortalidade só para nós.

era um milagre. Como um dos cavallos, se o eram, variava o chôto favorito, tremelhicando sobre o jarrete da perna direita em redopio convulsivo, isso é que eu nunca entendi, posto que me tenho esmerado em estudar a pathologia veterinaria para certos effeitos. Nada mais pungente que a espinha dos nossos hypogriphos desazados! O da direita era de uma subtileza nervosa tal que, ao estalar do chicote, respondia, abaixando a orelha. O da esquerda, sensivel ás suas reminiscencias de 1810, alongava as cordoveias do pescoço, a cada vergoada stridente; e algumas vezes, olhando para cima, franzia e enviezava o beiço superior; e, com esta careta, parecia rir de nós, ou provocar, zombando, como Hamlet, o seu triste fado.

O carro era cousa assim a modo de lagar, com bambinellas pensis de oleado, e almofadas de marroquim, estofadas de caroços duros, que contundiam acerbamente as carnes. Os recostos eram de ferro estreme, inflexiveis ao choque das costellas. As portinholas, o pavimento, e o resto da madeira, bem aproveitada, construia um navio de 300 tonelladas. O castanheiro, abundante em Portugal, permitte este luxo de materia prima. A mão de obra, se lh'a déssem, viria desbastar a solidez da fórma, e roubar á natureza bruta as suas prerogativas, mantidas pelo proprietario do carro, homem gordo, bruta natureza, consubstanciada com o vehiculo.

Ahi está o theatro da menor parte de nossas angustias. Pôtro movel de torturas corporaes, ainda assim, em confronto das que nos esperavam, póde dizer-se que uma sultana não se senta em mais flacidos coxins. O que fi-

zemos, logo que entramos, e sentimos o risco da nossa situação, foi aconchegarmo-nos como os meninos no lago dos leões, de que reza a Biblia.

O senhor Jesus do Monte, em cuja romagem vamos, nos tenha debaixo de sua mão, e ávante!

II

Em que o author tenciona ser sério, grave, e magestoso como o caso o pede. Depois de muitas cousas, que devem fazer sensação no publico, o author declara que não é commendador.

E' preciso bosquejar o vulto moral dos meus companheiros.

L. B. é o typo completo da estremada bondade. Obriga-vos a estimal-o, antes de vos dar de si e das suas qualidades uma ideia justa pela convivencia e pelo tracto. Tem a alma no semblante. A delicadeza com que vos acolhe chega a ser carinho, sem effeminação, sem o nauseento melindre dos affectados das salas, que julgam estar sempre em trocadilho de finezas com mulheres tô-

las. Tem trinta annos, e falla-vos com a madureza dos cincoenta. Não é porque as paixões da mocidade o envelhecessem prematuramente. L. B., a meu vêr, rebate os golpos do amor, que incommoda, com o escudo da prudencia. Domina-o a cabeça mais que o coração, se estas duas potencias travam peleja. São em pequeno numero os dotados d'este temperamento; e, se a excepção, com o andar dos tempos, viesse a ser regra, a humanidade seria um congresso de anjos, e os fazedores de romances e dramas sanguinarios podiam tractar d'outra vida.

L. B. falla pouco, e nem sempre escuta os que lhe fallam. Abstrahe-se, e, para não desconsolar o fallador, dá á cabeça o movimento regular d'uma pendula. Se lhe contaes aventuras de rapaz, escuta-vos com religiosa attenção; mas não espereis uma revelação por outra. O mais que faz é rir-se comvosco das vossas veleidades, e alguma vez da fatuidade com que irriçaes a juba do leão. Não julgueis que o seu sorriso é de credulidade. A bondade não tolhe os fóros da critica. L. B. conhece perfeitamente os parvos, e, sabendo em que mundo está, tem o bom siso de os respeitar. Sem isso, elle não teria cathalogado uma excellente collecção de anecdotas contemporaneas, que traz frizantes e salgadas sempre, sem descobrir a creatura ridicula d'ellas. Resta-me dizer-vos, com grande espanto vosso, que L. B. não é litterato, nem dramaturgo, nem jornalista, nem sequer poeta! Falla e escreve um portuguez chão, desenfeitado, correcto, e claro como a sua physionomia, como as suas

intenções, como a sua excellente alma. Homem—e diz-se tudo assim — que lhe merecer amizade, tem encontrado as delicias de Seneca, o thesouro de Sancto Agostinho, e a pedra philosophal do seculo XIX.

E. B.: qual de vós não conhece E B.?! O escriptor é de todos: anda na imaginação de cada um que lhe tem de cór um pensamento, uma maxima, um verso. N'esse verso iria a sua mais querida aspiração? E, recebida ella na maioria dos outros, não se deu ahi uma intimidade, uma nupcia que ata para sempre o poeta á admiração do leitor? Não sei se me entenderam; mas eu queria dizer que E. B., publicista ha doze annos, ainda que pouco tenha dito de si, define-se pelo que ha dito dos outros.

Aqui tendes uma maravilha: E. B. não tem o seu nome no frontispicio de um livro!

A agua estanque em ampla bacia, reflectindo a lua, é um bello espectaculo; mas, se o quereis mais bello, deixai derivar essa agua em pequenos arroios pela esplanada dos prados: então, é mais dilatado o brilho, mais engraçada a combinação da relva com a prata do regatinho, onde brincam as estrellas, espelhando-se.

Assim vão correndo repartidas e distilladas a pouco e pouco as bellezas de um talento, que se não dá da prova do livro em quinhentas paginas, e nem cura de saber se, para a immortalidade, é necessario o fôro grande de um romance em seis volumes. Se lhe perguntaes porque não escreve livros, responde-vos que não sabe, e pendura pelos cabellos na picota da irrisão

alguns que os fazem. Se lhe dizeis que cobre paciencia para o trabalho aturado, e escreva um livro, que seja flamma purificada do muito que leu, responde-vos que esqueceu tudo o que sabia ; e com os olhos postos na deusa da ociosidade que lhe sorri de entre o fumo do charuto, murmura, na mais sancta beatitude, uma caustica apotheose aos sandeus que escrevem, sem poderem dizer que esqueceram alguma cousa que souberam. Se lhe dizeis que recorde o que soube, chama para o collo as suas tres lindas filhinhas, brinca com ellas como creança, beija-as, e pede a uma d'ellas, de tres annos, que recite duas poesias que sabe de cór. Comprehendeis a resposta? E' que as esperanças nobres, superiores á baixeza de outras que se não erguem do chão, tiveram alli o seu complemento, embora mirassem por outro prisma que aos vinte e cinco annos se desfaz em lagrimas, ou a sociedade nol-o quebra na cara. Para as tempestades do moço, e do moço poeta, não ha senão um porto, e são muitos os naufragios... O porto achou-o. E. B., que o merecia: é a paz domestica, a sanctidade das affeições de esposo e pai, tudo que ha de melhor abaixo do céo.

Ahi tendes o meu amigo de oito annos, o mais antigo de todos, época feliz em que alcancei quatro, dous dos quaes não têem já n'este mundo senão o nome em raras almas que o mereceram.

O outro é:

J. B.

Lêstes VIVER PARA SOFFRER? Se tivestes o tacto de

respirar n'um livro, aqui e alli, o coração do author, achal-o ieis. Não vos quero denunciar aonde, porque a amizade não dá azo a tanto. Surprehendam-no lá, se pódem; que eu lh'o diga, não. Vêde a physionomia serena d'este homem: invejar-lhe-heis a paz intima, o recolhimento ditoso em que parece adormecida aquella alma, no seio da bemaventurança. Não o julgueis assim. Lá dentro vão tempestades como as dos bellos lagos de Italia, que se não bolem sequer agora, á crispação de uma brisa, e têm dentro a vaga que logo se levanta com o dorso irriçado de tormentas. Alli não está só o poeta que vive

> Morrendo por um nada,
> Que desejado afflige, e havido enfada. (*)

Ha mais, ha o peior das chimeras mortas, o veneno d'ellas que fica, depois que o verme da saudade lhe sorveu os succos bons. E d'ahi, aquella immersão e tristeza profunda, d'onde não ha salval-o, sem que a sezão tenha cumprido sua phase. Noite alta, a insomnia trava-lhe da imaginação afogueada, e o visinho do seu quarto, ao amanhecer, escuta os passos monotonos do

---

(*) F. d'Alvares do Oriente.

authomato, que se move, emquanto a alma, desatada do corpo, corre triste fadario. Não sabeis de certo o que é o enojo da vida, sem desejar a morte, porque a zombaria da esperança cava-nos abysmos, e, se nos vê em perigo de resvalar, transforma-nol-os em flôres, mas flôres com espinhos sempre. Oh! meu Deus! não é melhor ir com os olhos postos nas estrellas, e cahir de chofre em um poço, como o philosopho grego?! Este morrer a retalhos, para nós que não somos ténias, é sobremaneira indecoroso!

Não cuideis, porém, que J. B. é algum Manfredo de faces cavadas e cabellos hirtos, como elle se pinta nas edições illustradas de L. Byron. Maravilha é vêl-o, no baile, modelo de obsequiosas finezas ás damas, e esmerando se em não esquecer os cavalheiros. O sorriso de convenção, o ademane cultivado lá fóra em alguns annos de viagens, obedecem-lhe sempre, e dão-lhe um ar de contentamento que muito deve penhorar os donos da casa; e assim é bom para que não fiquem só penhorados os que se retiram, já que os jornaes não permittem outra coisa.

J. B., officioso por educação, conhece que não póde furtar se aos obsequios com que a sua ampla roda procura galardoar-lhe o merecimento.

N'esta tarefa, de que Deus me livre pela sua infinita misericordia, consome J. B. muitas horas que precisaria, se a iitteratura não entrasse na sua educação simplesmente como ornato. Não obstante, a applicação, a paciencia, e a vontade tenaz, n'outra época, fizeram que elle, aos vinte e oito annos, conheça linguas e a littera-

tura de cada uma, tanto quanto a sua modestia, e algumas vezes a sua indole acanhada, fazem por esconder aos que o não teem acompanhado no seu progressivo desenvolvimento.

Ahi estão os meus companheiros.

Agora, ides de certo pasmar, se eu vos disser que nenhum d'elles é sequer, commendador!

III

Vê-se que o author tem visto muita coisa, e falla de muitos quadros que deseja vêr. De como os heroes queriam ter a bicha solitaria, e diz-se que a Mariquinhas comia pescada. Tristezas mofinas do author. Saudades das suas alparcatas, e reflexões judiciosas a este respeito, como do capitulo melhor se verá.

Eu tenho grandes tendencias para o pintoresco, grande paixão pelo idyllio, e devoção idólatra das florestas e das serranias alcantiladas. Gosto de tudo isto muito, extasio-me nos arrobos de Theocrito e Delille; mas hei de estar em casa, com as janellas bem calafetadas, resguardado das brisas, fomentadoras de catharros, espreitando a natureza pela vidraça.

A paizagem gosto d'ella nas lythographias da *Illustração* franceza.

No quadro da *Primavera*, de Callet, respiro o aroma das flôres, amplío com a imaginação o horisonte do céo côr da amethysta, ouço os trinos da calhandra que ramalha na copa da avelanzeira, vejo o bello que está e não está no quadro. Se, porém, caio na innocencia de procurar as delicias do original, fujo para casa a tiritar de frio.

No quadro do *Estio*, de Durameau, acho encantadora a abobada viridente das mattas, o braço enlaçado das vergonteas dos parques, as dryades vertendo jorros de agua limpida das orvalhadas amphoras, os regatos serpeando por entre a madresilva e o rosmaninho, as messes ondulando beijadas pelos zephyros brincões, o tentilhão saltitando de França para França, os arvoredos rumorejando uma soidosa toada, o rouxinol cantando aos salgueiraes as suas tristezas. Tudo isto vejo no quadro, vivendo, movendo-se, fallando; mas, se a tentação de vêr a realidade me vence, vem o pó, e cega me; vem o calor, e reduz me a manteiga; uma farpa de silva rasga-me o casaco; o chapeu fica-me espetado em um galho; outro fura-me um olho; e um porco, picado pelas vespras, bufa-me ás pernas enraivecido. Oh! como é deleitoso o estio.

No quadro do *Outono*, de Taraval, ha um cordeirinho que ouço balar assustado do som das aguas; uma pastora, toucada de malmequeres, com uma arregaçada de appetitosos pomos; o valle, pejado de fructos, suavisando, como contraste, a agrura da montanha fragosa; Pomona e Ceres, porfiando fecundidades; as rochas tapetadas de musgo; os passarinhos, mal emplumados

ainda, trinando os primeiros cantos da sua liberdade, em quanto a mãe chilrêa sobre a moita, acareando os com o cibo; a abrigada á sombra do freixo onde não côa o raio do sol; o salgueiro debruçado para vêr a truta que faz piruetas no rio de fina prata; o sardão de côr da esmeralda logrando-se da sombra entre sarças e codêços. Isto é bom: d'isto viveram Bernardes, Rodrigues Lobo, Fernão d'Alvares, e Sá de Miranda. Todavia a natureza mudou, penso eu. Os rebanhos tascam na hervagem com o mais desconsolador prosaismo; as pegureiras trazem a camisa suja e fiam estopa; os zagaes nem tangem frauta nem entalham no cortix dos álamos as iniciaes da pastora revel: o que elles fazem é comer o seu naco de borôa, e atirar a sua pedra ao cabrito que se tresmalha. As arvores, lourejantes de fructos, tem uma sentinella á vista, que vos assula um cão lobeiro se lhes tocaes. As sarças e os carrascos picam que tem coisa má. O eremiterio rural, visto ao pé, toda a sua poesia é a égua do abbade, e a ama de cujos filhos elle é padrinho. E, depois, ás duas por tres, se vos não percataes, a viração da tarde póde encher-vos o coração de deleite; mas no dia seguinte tendes sobre o peito um emplasto de pêz de borgonha por causa d'uma bronchite. Ora ahi está porque eu sou um grande bucolico de estufa.

Não obstante, na qualidade de viajante, logo que o horisonte se dilatou diante do carro, e os galões sobre melhor pizo diminuiram, aventurei a cabeça fóra das bambinellas para saudar o sol poente.

Ha doze annos, foi aquella a minha hora de poesia. As minhas tristezas doces, os meus confusos devaneios, a

minha costella de Petrarcha sem Laura, tive-a então. Hoje acontece-me o que é natural. Vejo, e vi o sol no occidente, pelos olhos da face que pouco vêem de enfraquecidos pelas repetidas ophtalmias dos olhos da alma. O que fiz foi consultar o relogio para calcular o tempo que nos levaria a caminhada á *Carriça*. Os meus companheiros, mais poetas que eu, iam taciturnos; não é liquido, porém, ainda se o seu silencio era tedio ou poesia.

J. B. quebrou a lethargia, perguntando:

«O homem da bicha está em Villa-Nova?

— E' natural—disse E. B.

Esta pergunta, leitor, devia matar, se ella existisse, toda a poesia da hora, do local, e das circumstancias. Desde aquell emomento, os pinheiros, que bordam a estrada, affiguraram-se-me bichas solitarias; as listas rubidas do arrebol eram ténias; ténias eram os frocos dispersos de pequenas nevoas que se esvahiam no horisonte; e o homem, terror d'esta rainha das lombrigas, pareceu-me, de longe, um mytho.

Deveis saber que L. B., J. B., e eu imaginamos que alojavamos no intimo das entranhas, cada um, pelo menos, sua tenia. E. B., imaginou tambem que a tinha em casa. Todos quatro combinamos um plano de ataque contra a alimaria que nos devorava os succos. E. B. prevenira o bacharel formado em lombrigas para que nos esperasse em Villa-Nova; e, para nós, era infallivel, horas depois, estarmos em lucta com o *entezoairo cestoide, tœnia cucurbitania* de Lamarck.

E assim, antevendo uma velhice sadia, graças á extracção do parasita, saudavamos as boas digestões, um sangue mais puro, um espirito mais desempeçado das roscas do verme, e, sobre tudo, um tecido adiposo que nos habilitasse a exercer, sem desdouro, os cargos do municipio, ou a presidencia de uma junta de parochia illustrada.

N'estas gravissimas reflexões, chegamos á Carriça, e apeamos. A primeira pessoa que vimos foi a Mariquinhas, merendando, salvo erro, uma lourejante posta de pescada frita em ovos.

Ahi está o leitor imaginoso pensando que se lhe vai dar, como desenjoativo a tanta semsaboria, uma *Joanninha*, a graciosa heroina das VIAGENS de A. Garrett.

Nada: não conhecemos d'isso. A nossa pequena não tracta de passaros, nem conversa o rouxinol á hora do crepusculo. Os rouxinoes da Mariquinhas são uma ninhada de leitões, e, a respeito de aves, só conhece as do gallinheiro. Diga-se, porém, a verdade, a pequena tem nos olhos pétos de muito chiste, e sabe fazer com elles cousas dos nossos peccados, e parece que não é só com os olhos. Um pouco abaulada das costas, isso não tira nada á flexibilidade da cintura. Diz graçolas com muita lhaneza d'alma, e recebe com a impavidez de uma Virginia ás avessas as propostas menos edificantes. Se lhe dizeis que é flôr perdida em matagal de tôjo, e lhe offereceis a vossa casa, como jarra de porcelana, digna d'ella, por pouco vos não toma a sério o caso, e vos aromatisa de antemão com finezas de honestidade equivoca. Em quanto libavamos algumas botijas de cerveja,

deliciamos o espirito com as argucias de Mariquinhas, reforçadas pelas de uma matrona, tia d'ella, que nos deu exacta relação das pessoas suas conhecidas em Melgaço, e teve sempre a bôca inhospita hermeticamente fechada ao riso para esconder o vacuo, onde os peripatheticos, horrorisados, queriam por força encontrar dentes. Logo que pagamos, em metal, as affabilidades de Mariquinhas e a cerveja, entramos no vehiculo, cujos cavallos escarvavam impacientes a terra e relinchavam não em timbre de furiosa ancia de andar, mas n'aquelle som sêcco e rispido da pulmoeira.

Anoiteceu. Saudades amargas da minha cama cobriam-me o meu coração de crepe. O meu barrete de dormir alvejou-me no horisonte escuro, como um sonho da virgem em ancias por ente querido que se lhe perde. Reclinei a fronte calcinada sobre o peito, e meditei em profundo recolhimento sobre as minhas alparcatas. A intensidade d'esta angustia não hão de os homens entendêl-a, n'esta época de cascalho e mala-posta.

Quando a esta terra vierem barbaros com coração ainda virgem da lepra dos interesses materiaes, haverá então quem comprehenda as attribulações do viajeiro a cabecear de somno. Guardo para esses o entendimento do jubilo com que ouvi dizer:

«Estamos em Villa Nova.»

Ao mesmo tempo, exclamou o tendeiro inquilino nos baixos da hospedaria:

«O homem já cá está em cima.

— Quem é o homem? — perguntei eu alvoroçado.

«O homem da bicha — replicou o auspicioso tendeiro.

Na physionomia dos tres, que se imaginavam supplementares á ténia, raiou a luz da esperança.

Subimos pressurosos á sala da consulta.

Agora o vereis.

IV

Grande lamuria por se não saber o nome do homem. Facundia de erudição a esse respeito, e declara-se a razão porque elle era o Epydauro de Gondifélos. O que elle fez quando nos viu, e os muitos monos que o author conhece parecidos com elle. Diz-se que o homem similhava vestido de cuecas. Elle e J. J. Rousseau. De como J. B. não tinha bicha, e o mais que a este respeito se disser. A solitaria, vista á luz da philosophia, como verdadeira crença do poeta. O que o author disse ao homem, e vê-se que elle tem em materia *solitaria* cincoenta por cento. A tenia e o systema de Galileu, e outras cousas muito para se lêrem, como do capitulo melhor constará.

Eu tive a culposa inadvertencia de não informar-me do nome e sobrenome de um sugeito que vai honorificar a pagina mais imbrincada da minha peregrinação.

O meu primeiro cuidado, se eu não fosse um frivolo, logo que me aproximei de um homem ao alcance do folhetim scientifico, deveria saber-lhe o nome, a linhagem, as suas manias em creança, e outros muitos admi-

niculos que vem sempre a pêllo na boa avaliação de um typo distincto.

Sabemos que o descobridor do phosphoro se chamava Brandt: sabemos que Fallopio descobriu um canal auditivo; sabemos que Apio achou a maneira de conservar as ostras; sabemos que Bayle descobriu nada menos que seis variantes de phtysica pulmonar, e deixou aos vindouros a gloriosa descoberta de curar uma das seis; sabemos que Harvey descobriu a circulação do sangue; sabemos que Lavoisier descobriu a theoria da combustão; sabemos que Newton comprehendeu a attracção; Mesmer o magnetismo animal; um frade portuguez a navegação aerea; outro portuguez, peior que frade, o circulo bicudo; sabemos tudo isto, e arde-nos a cara de vergonha não sabendo o nome do varão prestante que mata a bicha solitaria! A coima d'esta falta só póde descontar-nol-a o esmero que vamos pôr em relembrar as impressões que sentimos — eu e os meus companheiros — nos rapidos instantes que a sua companhia nos deliciou na *estalagem real* de Villa Nova de Famalicão, onde apeamos no capitulo III.

Os grandes homens perdem, quasi sempre, na aproximação. Excepções ha, porém; e uma d'essas é o illustre mésinheiro. O doutor... (não temos certeza se o é; mas o direito com que lhe outhorgamos ao menos um bacharelato está authorisado pelo arbitrio de similhantes mercês) o doutor esperava-nos, visto que se lhe annunciou a chegada de uma carroça de victimas da tenia, que vinham de longes climas a consultar o Epydauro de Gondifélos, ou aldeia que o valha.

Estava elle (eu já disse que todas as minudencias são traços grandes nos vultos magestosos) estava elle posto gravemente sobre uma cadeira, n'aquella postura conspicua, termo medio, entre o grave e o desleixado. Ao vêr-nos ergueu-se em quatro tempos, respondeu-nos com uma ligeira mesura de cabeça, e cahiu em quatro tempos sobre a cadeira, afastando as abas da casaca inverosimil que, n'aquella attitude, similhava a saltimbarca de andador das almas.

A physionomia do doutor era um espelho do espirito. Por ella via se quão enrugada e arida por lucubrações antilombrigoides não devia de estar-lhe a alma! A tez affumeada, côr do estanho, revelava o prolongado uso da retorta, o contacto das exhalações mephíticas no laboratorio chimico, as perigosas experiencias em toxicologia, a dolorosa provança porque ha passado este obscuro Cagliostro até que, mais feliz que o outro, encontrou o antidoto infallivel contra a ténia. A sua testa não era espaçosa nem escalvada; não se lhe descortinava lá o latejo das bossas, nem as pregas do talento phrenetico: o que lá se via era o suor escorregadio de uma cálida tarde de junho. Emquanto á forma, imaginai a metade de um côco. A grenha não tinha os arrepios phantasticos da de Claudio Froulo, nem as ondulações desleixadas de Dulcámara. Era um cabello honesto sem ser vulgar: formava uma sanefa de torcidinhas sobre a testa, assim á maneira de berloques. As palpebras abertas a canivete, tinham dentro o globo do ôlho, buliçoso como um grilo em gaiola de rapaz travêsso, lucido e coruscante, asivieiro e trêfego, como não ha outro duas le-

guas ao redor de Villa Nova de Famalicão. No que diz respeito ao nariz, era anfractuoso de alcantis osseos, degenerando nas abras em barbatanas cartilagineas. Não obstante, era um nariz vidrado, luzia como verniz; e visto de soslaio, era um nariz curioso pela similhança com a tromba do bugio marinho do norte. Os malares eram quadrados, relevados em esquinas, como os do tajaçú do Brazil; e as orelhas, tezas e fitas como as do cangurú da Nova-Hollanda. A bôca, umas vezes ageitada pela distenção dos beiços, era o fac-simile do focinho do mono pataz; outras vezes, contrahindo se, em ar de reflexão sisuda e humanitaria, disputava bellezas com a do bugio mandril, abundante em Guiné. Quasi que sem sahirmos da familia dos Chipanzés de Lineu, tinhamos affigurado os traços essenciaes do doutor. Era em resumo um homem bonito, menos effeminado que o Apollo de Belvedere; mas, por isso, mais insinuante pelo talhe varonil, pelo garboso da aria, pelos lineamentos tradicionaes do côxo marido de Venus. O que, apesar da natureza, lhe adulterava as fórmas era a casaca e o collete. Visto em ceroulas, por uma tarde do estio, acocorado entre os salgueiros de fluminea margem, dil-o-heis um fáuno em uso d'oleo de figados de bacalhau.

A casaca e o collete eram singularidades adscriptas ao talento. O doutor envergava uma casaca por a mesma razão que Rousseau trajava vestidos armenios, e um socialista francez, fautor dos *irmãos Moravios*, se vestiu de monge cóphta. A natureza talhára *ab æterno* para elle a vestia de botões de chifre, até ao sacro, ou o collete de afogadilho até á quarta costella. O genio, po-

rém, sempre innovador, em guerra aberta com a despotica natureza, encadernou-se na casaca ignobil, vulgarisando-se até á planta do regedor da parochia rural, e escrivão substituto do juiz-eleito. Como quer que seja, as mediocridades não pódem, sem ridiculisar-se, censurar os desvarios do genio.

O doutor, outra vez sentado, assumiu o seu ar de prestigio, investiu a realeza do seu merecimento, mediunos d'alto abaixo, e exprimiu no sobrecenho a altivez do orador de aldeia que vai dizer quatro prosopopeias a uma chusma de sandeus.

Eu disse a J. B.: — «Senta-te, e consulta o doutor.» Era necessario divertir o spasmo estupido em que todos ficamos.

J. B. sentou-se. Não pude ouvir o relatorio dos seus padecimentos. A sua voz era cava e mysteriosa. Havia alli entre ambos uns visos de caballa, palavras surdas de feitiços, olhares vesgos de coisa-ruim.

O doutor ouvia, e o pouco que dizia era accentuado, bamboando solemne a cabeça pyramidal. J. B. tirou os oculos; o doutor procurou a cabeça da ténia na retina, ao que parecia dos seus olhares perscrutadores. N'isto, a um signal negativo do doutor, ergue-se J. B., e diz:

«Não tenho a bicha!

Não poderei descrever-vos o rosto desconsolado do meu amigo, sem ténia!

J. B. queria ter o verme; daria por uma ténia o mais importante dos seus intestinos. A lombriga das cem braças era a sua ultima chimera. Mortas todas as illusões do coração, restava-lhe aquella no abdomen.

Nem essa! nem uma solitaria para companheira no êrmo da vida ao homem que busca dentro em si um outro *ego!*

O doutor disse, e permaneceu immovel na cadeira, esperando um enfermo mais auspicioso. Devia ser eu!

Com quanto o descrever-me n'esta situação original pertença aos meus galhofeiros amigos, eu vou ter a immodestia de fallar de mim. A sciencia requer estas vaidades, assim como a historia as absolve a Cesar contando as façanhas proprias.

O DOUTOR: Então que sente?

EU: Dyspnéas frequentes: nevroses no apparelho respiratorio; um borborygmo escumoso a partir do esophago: pulsações lancinantes no estomago; beliscadellas ardentes na pelle; e de noite estremecimentos subitos que me despertam...

O DOUTOR *(interrompendo-me com um sorriso de intelligencia)* isso não são symptomas physicos; sem symptomas physicos não temos *probalidades;* a solitaria tem seus symptomas.

EU *(mordendo o beiço o mais symptomatica e physicamente que podia para disfarçar uma gargalhada physica).* Além d'isto, sinto uma profunda melancholia, um aborrecimento de tudo, um desleixo por tudo, inactividade para tudo...

O DOUTOR: As *probalidades* são cincoenta por cento. Ora diga-me: come bem?

EU: Pouco, e sem appetite.

O DOUTOR: Quando se tem a solitaria, come-se bem, e ella ajuda a fazer a digestão. Ora como o se-

nhor não tem symptomas physicos, as *probalidades* são cincoenta por cento. Deixe lá vêr a lingua... Está bom... E' preciso fazer certa experiencia para termos symptomas physicos. Isto ha de ser mais devagar.

Disse.

Ergui-me com os cincoenta por cento, e vi que os meus companheiros fungavam a um canto, uma risada, encarando-me com ar de compaixão.

E o doutor, immovel, olhava para a cadeira onde devia sentar-se L. B.

Começavamos todos a sentir que a nossa posição era ridicula. Uma ténia moral fizera graves desmanchos no nosso juizo. O unico dos quatro, superior á zombaria, era E. B., que se não julgava o pábulo d'uma lombriga ideal.

Em holocausto á verdade, declaro que fiz uma plangente figura! Andei vinte e quatro horas, colleccionando a nomenclatura technica dos meus padecimentos, e tive o descôco de não levar um só *symptoma physico*, que désse ideia da minha ténia! *E pur si muove!* A bicha existe!

V

No qual se lê muita cousa a varios respeitos, e nada se diz do capitulo IV, que ha de vir depois

A historia da ténia não acabou ainda, leitor pacientissimo! Não lhe esqueça que L. B., posto que não seja poeta visionario, tambem imaginou uma como os poetas imaginam virgens.

Poucos rostos tereis visto mais sadios, mais medrados, e menos expressivos da existencia de um parasita que se aproprie o chymo d'uma digestão empeçada. L. B. é atascado de boas carnes, gosa as apparencias d'uma enfadonha saude, e, a não ter guapas e espessas barbas, recordaria a nediez e o chorume d'um frade Bernardo, de gorda memoria. D'onde lhe veio a suspeita da solitaria, isso é que eu não sei, nem o doutor em medicina verminosa soube tambem.

Eu de mim, suspeitando-a, tinha desculpa, porque

me vejo diáphano como um sylpho, leveiro como um dos gnomos mensageiros de Oberon, e resequido como folha do outomno.

Nada mais razoavel, nas minhas circumstancias, que imaginar-me prêza de todos os vermes de Raspail. E' indispensavel a existencia de um bicho burlista que me empalma o chylo convertendo-o em substancia sua, com grave detrimento do meu tecido adyposo que se vai encorreando como a polpa de uma solha escallada. A não ser isto, por mais que me digam, deram as bruxas comigo!

J. B. tem, não digo cincoenta por cento, mas ao menos uma probabilidade de solitaria, por isso que a tristeza, o aborrecimento, e o desconforto são symptomas moraes, ás vezes, mais persuasivos que os physicos.

Se nem elle nem eu, investigados pelo doutor, tivemos a felicidade de alojar o verme, com que jus L. B. ousa nutrir a ambiciosa suspeita de ser a urna de um annellido com oitenta braças?! Que arrojo é esse de ir sentar se, depois de mim, em frente do auruspice, que não acha em tres homens reunidos uma pollegada de ténia?

Perguntado sobre os seus padecimentos, L. B., naturalmente respondeu que não padecia nada; e o doutor, desesperado de explorar uma victima do seu cosimento, mandou-o erguer, desejando-lhe a continuação da sua boa saude.

E. B., com a sua delicadeza proverbial convidou o doutor a cear. Acceitou o mestre, sem fazer-se rogar,

porque não quiz cercear-nos a gloria de o possuirmos alguns minutos mais.

O nosso conviva, no que diz respeito á vida exterior, e mui peculiarmente á da trituração era humano a mais não ser. Laconico como um quaker, mastigava ruidosamente como os heroes da Odissea.

As camadas do bife e do fiambre sobrepostas, graças ao esmero serviçal de E. B., era muito para vêr-se a rapidez com que o benemerito as embetesgava por entre as maxillas açodadamente buliçosas! Era um fogo visto! Aquelle Lazarilho de Fletcher tinha alli muito que aprender! A' vista d'isto, lembrou-me que muitos homens illustres gostaram de comer muito. Todos sabeis que Descartes, surprehendido em grande comezaina, e d'este modo interrogado: «Pois os philosophos gostam de gulodices?» Respondeu: — Acha-se que Deus criou as boas coisas só para os parvos?»—Ora ahi está como o inventor dos turbilhões se encontra com o inventor da mésinha contra a ténia, mais prestadio á humanidade que o outro, e, pelos modos, não somenos gastronomo que elle.

O liquido não deixava precipitar o solido. O nosso commensal emborcava copos de vinho verde com uma regularidade que faria honra ao ponteiro dos segundos em um chronometro! Perguntado por E. B., se tomava um calix de vinho do Porto, respondeu o mais concisamente que se póde:

«Nada.

— Não gosta?—replicou L. B.

— *Eu vevo do berde porque gosto de vover.*

— Se gosta de *vover*, *vôva* — resmungou E. B., neutralisando um frouxo de riso com um tufo de fiambre.

Eu precisava abafar o assalto do riso inconveniente, chamando as attenções para assumpto sério. Perguntei:

«Tem a bondade de me dizer onde está a ténia?

— A ténia—disse elle—está no duodeno.

Quiz perguntar-lhe porque não estava nos intestinos delgados, e até no estomago; mas receei metter a fouce em seara alheia, e colher grande messe de sandices.

«Ninguem — tornei eu — até hoje descobriu mésinha tão efficaz como a sua?

— Ninguem.

— Dizem-me que o medico A. Albano por pouco não descobre o seu segredo.

— Andou por perto—respondeu elle, enchendo as bochechas de orgulho e fiambre.

«O senhor—occorreu E. B.—podia fazer grandes interesses se fosse para o sul.

— Para o sul?!—disse elle maravilhado d'este nome de reino desconhecido no seu mappa-mundi.

«Sim, lá para a Extremadura e Alemtejo.

— Lá tenho eu um delegado — replicou o doutor. — Ora agora o resto da nação, Chaves e Almeida, esses vem aqui para se tratarem, e já sobe a quatro mil solitarias que tenho tirado (1).

Não se crê a religiosa seriedade com que o ouvimos!

---

(1) Invoco o testemunho dos meus companheiros, se pensam que eu estou aqui fazendo um romance de desgraciosa phantasia. Podesse eu inventar, e seria menos insipido o conto.

E' forçoso que os motivos de riso, por muitos que, a cada instante, nos surdem de todos os lados, nos tenham posto á prova da gargalhada! Por esta provação é que eu queria que passasse o philosopho grego que nunca riu.

N'este tempo em que os acontecimentos comicos inçam a vida d'uma sociedade de transição, a hilaridade não cede a pequenos estimulos: o barão tornou-se indigno do riso, o jornalista que apregôa a integridade da sua consciencia para alterar-lhe o preço, passa desapercebido; a escola de canto da camara municipal portuense não faz rir ninguem; um artigo de fundo, que aconselha ao ministro de instrucção publica o alvitre de a mocidade decorar obrigatoriamente as posturas da camara, para formar por ellas a rectidão do espirito, provoca a lastima, sem desarticular os queixos em estrondosa risada; finalmente, ha uma só cousa que desafia ao leitor um sorriso de piedade: é o conto, á laia d'este, prcsumido de chiste, pretencioso de sal... sal tartaro, amados leitores. Eu poupo-me, e quero poupar-vos ás grandes gargalhadas, desde que li, não me lembra aonde, que o poeta Philémon morrera de riso por vêr um onagro comendo figos sobre um escriptorio. Se a gente vai a rir-se de quantos onagros comem figos, rebentam-nos as carotidas!...

A noite ia alta. Cabeceavamos todos e tinhamos de sahir pouco depois. O doutor retirou-se a digerir.

Deram-nos quatro camas n'um quarto. Travou-se lucta de morte, a travesseiro, entre nós, por causa do

unico leito de ferro, ingrato ao persevejo. Venceu-o de escalada E. B.

Deitados, discutimos longo tempo a residencia da solitaria. Eu adormeci praguejando contra a anatomia do doutor. E. B. queria provar que elle era um goraz de casaca. J. B. teimava que o resto da nação, depois da Extremadura e do Alemtejo, era Chaves e Almeida. L. B., com a véla em punho, rebuscava debaixo do travesseiro um persevejo imaginario. A projecção da luz dava-lhe o sombreado mysterioso d'uma avantesma.

Ás trevas seguiu-se o silencio: ao silencio o resomnar profundo.

Uma hora depois fui acordado pelos berros estridentes de E. B.

Amaldiçoe o primeiro homem que mostrou ser possivel levantar-se a gente antes do meio-dia!

VI

Quem é a Aurora, e os seus maus costumes, e onde pára o primeiro marido d'ella, com grave escandalo das pessoas honestas. Diz-se que o author, se não adormece, era poeta. Falla do seu cão, e dos moluscos condecorados. Elogio do diabo, authorisado pelo padre Antonio Vieira, e Jeremias. A civilisação em Braga provada pelo café-forte.

Os dedos rosados da Aurora afastavam a cortina da noite.

Aqui principío eu por uma figura que enche as medidas dos gothicos admiradores do passado.

Quem hoje quizer ser original ha de recuar quatrocentos annos, exhumar a linguagem fossilisada nos bacamartes, dar-lhe uma demão d'esta moderna argamassa, arripial-a, afarfalhal-a, e... tem um nome! O peior é se a mão desalmada da critica vem ensaboar-lhe a taboleta ao pasteleiro de cabidellas! Lá se vai o refôlho da boneca toda secia e franduna: descarna se o viço, e derrete-se-lhe o caio, desfeito «como posturas de

fidalga velha por ventos de suão»—palavras de F. Elysio.

Não corre tal risco o escriptor que se esteia em authoridades maiores de trezentos annos. Aurora «com dedos de côr de rosa» é uma imagem contemporanea dos narizes: deixal-a ser; confesso-vos que não conheço outra mais singela, nem mais linda. Hoje diz-se d'outro modo a coisa; mas não se entende! São falsas as côres, e hyperbolicas as imagens. Eu penso que encontrei a razão d'isto, e tenho a generosidade de revelal-a, sem estopar os leitores. E' que os poetas, que vos *dão* em cada estio uma edição nova do nascimento da Aurora, erguem-se regularmente ao meio-dia, e fazem tanta ideia da Aurora como eu d'uma tromba marinha. Os que a podiam vêr, á sahida d'um baile, põem a cabeça fóra da vidraça, e o que tratam é de dar largas a um calo, que polkou entalado em verniz. D'esses, a maior parte são jornalistas, e o que fazem é beliscar a imaginação cansada expertando-lhe duas ideias para uma noticia local, que deve ser lida pelo ancioso dono da casa. E' então, que o escriptor sente o travo do fel, que lhe deram n'um calix de vinho, cuja naturalidade fabulosa nem ao diabo lembra!

Emquanto á Aurora, essa póde nascer e morrer onde quizer, que o poeta tanto se lhe dá que os seus dedos sejam de rosa como de açafrão.

De mim digo que, se não fosse a Braga, tenho graves razões para crêr que nunca teria o prazer de vêr a Aurora!

Os meus companheiros disseram-me que, com effeito,

era ella. E. B. tem-a visto muitas vezes, por que é um madrugador incrivel! Já convivemos um anno debaixo das mesmas telhas, e todas as vezes que me levantei ao meio-dia encontrei-o sempre... a dormir. Ainda hoje conserva este amor ás salutares brisas da manhã, e não é raro encontral-o extasiado ante o crepusculo... da tarde, se dormiu uma sésta confortativa. Já vêem que E. B. conhece a Aurora, e toda a sua familia.

Sabe que ella é filha de *Titan*, d'onde vem chamar-lhe *Titanea*. Sua mãe é a *Terra*, d'onde lhe não vem grande honra, porque a terra tambem é mãe das batatas.

Em rapariga, a Aurora, fez travessuras que muito a desacreditaram na boa roda. Roubou um rapaz de casa dos paes, casou-se com elle, contra todo o direito canonico e constituições do bispado, e houve um filho por nome *Memnon* que morreu sem descendencia. A estroina, que dava sério cavaco pelo marido, disse-lhe que pedisse o que quizesse. O tôlo, em logar de pedir estradas de ferro, disse que queria ser eterno! Ainda vive, pois, esta creatura, que foi a melhor cara do seu tempo. Não se persuadam, porém, que o homem está em veteranos. Não, senhores. Converteu-se em cigarra, depois de muito velho. O marido da Aurora vive subterraneo paredes-meias com o grilo, e recebe da formiga lições de moral economica. Que fim tão ordinario!

A Aurora era philosopha, desmandou-se da honestidade conjugal.

Uma visinha, chamada *Prochris*, vivia mansa e quêda com seu marido *Cephalo* (aos maridos de hoje, na sua

maior parte, é preciso antepôr-lhes um *a)*; e vai ella empalma-lhe o marido, faz que este mate a murro secco a consorte, e se case com ella! Não pararam aqui as suas impudencias. Os jornaos da época fallaram d'outros amantes, e E. B. está em dia com todos estes escandalos; mas, respeitador das conveniencias, só os diz a um ou outro amigo que não faça soalheiro d'elles. A mim cousa que me dizem cahe n'um poço.

Entendi que era obrigatorio pôr-me em extasis diante da estrella que arraiava os confins azulados do céo.

Olhar para o clarão crepuscular, sem commoção, *era* rebaixar-me ao razo de um passageiro da *Diligencia*, que vai ás Taypas amollecer o rheumatismo.

Puxei as orelhas á musa estrenoitada, e quiz ingranzar um hymno matinal. O genio, esporeado pela hora e pelo local, deu-me dous versos que poderiam remediar, tirando ao primeiro tres syllabas que o segundo reclamava. Faltava-me uma rima em *it*. Penso que a tinha filado, quando no mais fervido arrobamento da inspiração febril... adormeci! O que é uma vocação verdadeira! Como eu nasci para gozos pastoris, e quão deslocado me vejo em vespera de escrever um tractado sobre industria fabril e agio!

On apprend à hurler, dit l'autre, avec les loups. (1)

Nos instantes agro-doces em que dormitava, assaltaram-me saudades do meu quarto, onde, áquella hora, chegava apenas o guincho da leiteira, e o cacarejo de uma gallinha choca da minha visinha. Sonhava com

(1) Boileau.

o meu cão, que, durante a sua vida de seis annos, era esta a primeira vez que me via, com os olhos razos de lagrimas, partir sem elle. Não sei porque, é certo, porém, que me sinto sem uma porção de vida necessaria á minha, onde elle não está. E' um amigo que nunca me deu um desgosto, um apêgo que nunca me foi encargo, uma testemunha que nunca me trahiu. Tenho duvidado da minha alma, estudando o entendimento d'elle. Tenho presumido que o Creador, arrependido de fazer o homem,—esta mescla de orgulho, e de baixeza, de covardia e de ferocidade, de amor e de odio—ornou o ente, que vaidosamente chamamos *irracional*, de attributos que nos sensibilisam a alma, levantando-a em raptos de admiração e respeito á omnipotencia que o tirou do barro commum. Não ha respeito social que me impeça de vos dizer que tenho nojo dos homens, e dou aos brutos, que não ponham gravata nem commenda, o grande coração que preciso sagrar a algum affecto. Eu affago carinhosamente um gato, e choraria se visse pizar uma lêsma d'essas que se conservam na sua especie, e não dos outros molluscos que, pelo facto unico da sua posição vertical, teimam em pertencer a uma especie, que a zoologia, ainda pobre em classificação, denomina *humana*. Impaciento-me contra os fabulistas que humanisaram os brutos para dizerem verdades amargas aos homens. Havia precisão de injuriar uma raposa, imputando-lhe as astucias atraiçoadas de que é susceptivel o animal carnivoro, que a mata, chamado homem, porque a raposa lhe agadanha a gallinha que elle quer comer?

«*Maldicto seja o homem que confia no homem!*» são palavras de Jeremias, que viveu ha cousa de dous mil annos e passou o seu tempo a chorar a torpitude da sua raça, e da nossa, que peorou muito com a excrescencia do contracto do tabaco e sabão, do cobrador da fazenda, e do conselho de saude.

O demonio para a conveniencia é muito melhor sugeito que o homem. Se me não crêem, leiam o que o padre Antonio Vieira prégou no quarto sabbado da quaresma em 1652:

«Hão de vêr que Deus Nosso Senhor, tentado pelo demonio, venceu o inimigo sem grande esforço; tentado pelo homem, viu-se em apêrtos de que o salvou a sua divina coragem.» Julgaes que o demonio não tenha uma consumada litteratura com que vos enriqueça o espirito? «O demonio é mais letrado, mais theologo, mais philosopho, mais agudo, e mais subtil que todos os homens.» Isto diz o Bossuet portuguez; só lhe não chama «poeta»: mais uma razão para confiarmos no bom-siso do demonio, posto que eu muitas vezes pensei que elle trazia, pelo menos, a pontinha da cauda em algumas brochuras do meu conhecimento.

N'estas, e outras cogitações scismava a alma, quando o frio me espertou d'aquellas somnolencias desagradaveis. Vi que J. B. ia na táboa, ao lado do sota, com a orelha recatada da brisa. E. B. espancava o somno esfregando os olhos, rebeldes ás delicias matutinas. L. B. parecia-me de todos o mais mimoseado da poesia do local, porque levava os olhos no céo, e, de vez em quan-

do, celebrava a belleza de uma moita tapetada de fentos; ou o recosto d'uma collina frondosa de carvalhos.

O silencio era profundo, interrompido apenas pelo *upa* animador do cocheiro, que raras vezes aproveitava a sua apostrophe aos rocins fleugmaticos.

L. B. interrompeu deste modo:

— E' preciso almoçar em Braga. Lembro-lhes que é necessario pedir no botequim café-forte; não se pedindo do forte, dão-nos do fraco. Eu tive a felicidade de apanhar este segredo de cafeteira a um admirador da civilisação bracharense no artigo «botequim.» Disse-me elle, perguntando lhe eu se os *cafés* eram bem servidos, que não havia mais que a gente pedir café-forte, e davam por um vintem uma taça de café ao pintar.

Com esta consoladora noticia, sentimo-nos espiritualisados. A certeza do café forte deu-nos alma. J. B. veio sentar-se comnosco, e discorreu largamente sobre variedades de locomotivas que vira por esses mundos de Christo.

Estavamos no *zig-zag* a uma legua de Braga. Encontramos a *Diligencia* parodiando em antithese a ballada: *Os mortos correm depressa.* Alli, alguns vivos, para não realisarem a ballada, vinham a pé. Fez-me impressão uma mulher encarapitada na almofada «imperial»: vista lá em cima, hirta de frio, com a cabeça debaixo do braço, dava o ar triste de uma cegonha no pico d'um fragoêdo.

Ha visões immorredouras!

D'ahi em diante, não conheço em Portugal nada mais bello! Que luxo de arborisação! que verde tão gracioso

o dos campos marginaes! que borbulhar de aguas tão claras, e que balsamica fresquidão a d'aquelle ar! O sol lustrava os cabeços dos montes, coava-se nas cópas da quebrada, mosqueava o chão, e prateava os bagos do orvalho! Bello, meu Deus! é bello o que fazeis, se o homem não ousa mutilar as vossas obras, a titulo de aperfeiçoal-as!

Altos iam os nossos espiritos embebidos em meditações silenciosas, que não se escrevem. Desta altura cahimos, quando cincoenta badalos, como em vasta officina de caldeireiro, nos annunciaram que estavamos em Braga!

Olhei... vi quatro homens de capote a correr para a primeira missa: era em Braga effectivamente!

VII

Entram os heroes em Braga. Contam-se guerras antigas, e, por decencia, occultam-se as condições do convenio entre Braga e Porto. De como a mãe ou avó de Annibal nasceu em Braga, e levou para Carthago a receita das *frigideiras*, gratas ao Scipião africano. Falla-se de pulgas e do socialismo, com outras cousas de muito estudo e aproveitamento para curiosos. O que aconteceu em remotas eras ao author por não tirar o chapéo, na tal rua estreita que por nome não perca. Amores des, medidos do dito á visinha do botequim, e a pesca do salmão, com outras minudencias a respeito dos collegiaes de Tuy. Faz-se a apologia do café-forte, e chega-se á administração do correio.

Eram seis horas da manhã, quando a parelha, açodada pelo estalido do chicote, sempre prodigo das suas amabilidades á entrada de terras grandes, arrastava aos pulos o coche bambo pelas ruas fragosas de Braga, cognominada «Augusta» por politica dos Cezares, e condecorada com o epitheto de «fiel» no tempo em que o Porto, por força de rima, era «ladrão.»

A respeito de Braga e Porto o melhor é calarmo-nos.

Ha nove seculos pouco mais ou menos, entre o burgo portucalense e os gallegos d'além (*) feriu-se uma batalha em que os de cá sahiram mal feridos nas costas, e muito mais mortalmente nas honras. O convenio, que os trouxe á paz, anda ahi escripto nos chronicões. Tal é elle que faz pena e pejo contal o, porque vem lá um artigo, a respeito de mulheres do Porto e homens de Braga, que, em verdade vos digo, não conheço na antiguidade, e idade-media, condições de paz tão ignominiosas para os vencidos.

Os de Braga, portanto, se quizerem, podem pôr contradictas ao adjectivo e ao adverbio com que os modernos decoraram a cidade *sempre invicta*. Vencida foi, e, se não extincta, deve-o ás ultrajantes clausulas com que pactuou a harmonia. E' verdade que, seculos depois, em boa paz, voltou-se o feitiço, e as represalias fizeram-se de commum accordo. Obra foi da civilisação, e da boa vontade das sabinas. Braço nu e debil de mulher póde mais que o armado e rijo do homem. A ella sempre vencida e vencedora, deve-se a christã amizade em que vivem os descendentes masculinos, femininos, e até neutros, das duas cidades bellicosas d'outro tempo. A este respeito, os poucos lidos consultem frei Bernardo de Brito, onde eu li esta historia, e *passim*, a das pilulas

---

* *Suevos* dizem outros para honorificar a ascendencia dos bracharenses. Eu, porém, como amigo de Platão, sacrifico mais á verdade historica, e esteio-me em Idacio... «*ad Bracaram extremam civitatem Gallœciœ.*» (OLYMPIADA 309.)

de barro damasceno de que foi feito o homem, e tudo curam; e a das éguas do Alemtejo que concebiam do vento; e a dos lusitanos que fundaram Roma; e a da matrona de Braga que foi mãe ou avó de Annibal.

Estavamos, pois, em Braga.

Não sei como se chama aquella primeira rua por onde a gente se embetesgou. Lembra-me que senti oppressões de emparedado. Era já insoffrivel a calma. Respirava-se um ar miasmatico das adufas que se abrlam. Sentia-se baforadas de fortum que vinham de dentro das officinas cavernosas. Nas adufas surdiam cabeças desgrenhadas do mulherio, menos recatado, que aventurava o nariz curioso ao estrepito da locomotiva. Nos sótãos estavam homens enfarruscados, coçando as pernas cabelludas, ou fisgando as pulgas no franzido da camisa menos clara que ellas. Outros sahiam, correndo terra-a-terra, embrulhados em capotes impermiaveis, vencendo com o stridor dos tamancos ferrados o ruído do carro, e escoando-se aqui e além, pelos atrios das egrejas, onde os chamava a berros desesperados, o badalo infatigavel.

«Eis-aqui um povo bem morigerado!» disse eu comigo, porque os meus companheiros não me pareceram então propensos a meditações graves. E emquanto os corcovos do carro foram compativeis com a meditação, fui meditando:

«Eis-aqui um povo que adormeceu rezando o terço e os versos de S. Gregorio, e acordou para levar ao templo o coração lavado com que se deitou! Aquelle capote, forrado de baeta, com este calor que faz, é sem

duvida um grande sacco de penitencia debaixo do qual se escondem os cilicios expiatorios, quando vão á missa, e o garrafão do verdasco, quando voltam para casa! N'esta rua passei eu, uma vez, ao anoitecer, vindo a Braga. D'este e d'aquelle lado, estas boas almas rezavam o terço de meias. Eu passei com o chapéo na cabeça; mas com o espirito cheio de reverencia aos bons costumes d'esta sancta gente. N'isto, d'um e d'outro lado, suspende-se um *padre-nosso,* e rebenta uma ladainha de apostrophes contra mim, a mais amavel das quaes era «fóra, bebado!» Descobri-me quando me vi em perigo de levar com um pedaço de escumalha da forja nas costas, e fui abençoando o zelo d'esta sancta irmandade, que ahi está posta de atalaia á religião da humildade e da tolerancia, para que se não diga que a pureza d'ella fugiu de todo d'esta terra, donde ainda ha portuguezes de lei, raça sem mistura d'aquella que fez com as fogueiras o que esta, para mór honra e gloria de Deus, quer fazer com a escumalha. Podesse este espirito de caridade ser contagioso—continuei eu com as minhas seraphicas reflexões — e os homens seriam todos excellentes creaturas, quebrar-se-iam reciprocamente as caras em defesa da fé, perdoar-se-iam injurias e affrontamentos que não valem para estes devotos uma palha; por exemplo, fraquezas, que uma refinada etiqueta chama desdouros, lapsos do femeaço, useiro e veseiro n'elles, isso que tem, ou que faz para a salvação da alma? As raparigas, se as tivessemos, davam-se á caução dos padres para que elles as retemperassem do sal que resiste ao ranço do vicio; e, se por más artes de Lucifer, Belzebut, Astha-

roth, Uriel, Asmodeu, ou Diabo, a carne se contaminasse; e o ultimo pequeno désse ares do padre que veio a casa exorcismar os esthericos da mulher, a cousa remediava-se com o terço á noite, missinha d'alva ao outro dia, e uma formal bebedeira ao domingo, em que se fariam as pazes, arranchando o padre com duas duzias de frigideiras. Quão facil não seria reorganisar assim a sociedade que tão afanosos traz os charlatães de elixires fourieristas, blanquistas, e proudhonianos?! Liguemo-nos todos, se ainda é tempo, pelo terço; perdoemonos uns aos outros mutuamente as velhacadas que nos fizermos; reservemo-nos, porém, o caso exceptuado de quebrarmos a cabeça ao nosso similhante, se elle a não destapar diante dos nossos nichos do Padre Sancto Antonio, e S. Torquato, que nos comem o azeite de meias com as nossas berças,

Taes foram as minhas reflexões humanitarias. Com mais vagar prometto desenvolvel-as, coordenal-as, systematisal-as, mettel-as nos alforges de um deputado eleito pela minha terra, e offertal-as *gratis* a um ministro fomentista. Prometto já d'aqui calafetal-as de modo que não façam agua como todos os systemas socialistas, naufragados no cachôpo da prática. Hei de provar que o terço em communidade é mais humano e seguro systema de associação que o soccorro mutuo de Silvestre Pinheiro, onde a lei penal é a privação do direito de sociabilidade. Cá no meu systema o instrumento penal é um só, unico, indivisivel: «escumalha da forja.»

E, n'este discorrer, paramos na estalagem dita *Estrella do Norte.*

E. B. disse que ia visitar suas primas, e despediu-se por meia hora. L. B. perguntou ao primeiro encapotado onde era o botequim do café-forte. J. B. e eu seguimol-o com o intuito de espertarmos com o almejado café o espirito de analyse, qual convinha a «touristes» d'um tal ou qual calibre.

Mandaram-nos debaixo d'um renque de arcos, no Campo de Sanct'Anna, onde a mão civilisadora, em 1836, salvo erro, collocou o primeiro e unico botequim bracharense. Lembra-me, faz hoje cinco annos, vêr alli no batente d'aquella porta um molho de palha painça pendurado. N'este tempo, o botequim não era exclusivo do animal bipede: o viajeiro podia almoçar e mais o azemel na mesma locanda: o armario da cavaca e do pão podre (*) fornecia o grão e a palha para os dois freguezes economicos. Hoje, não. A botequineira, instrumento involuntario do epigramma aos seus conterraneos, deixou de accumular os dois generos de consumo, e d'esta vez não vendia palha, pelo menos com cartaz á porta. Em compensação, as suas estantes de legitimo pinho amarello medraram em agua-ardente de medronhos, licor de canella, e laranjas azedas.

L. B. pediu café-*forte*. O adjectivo, proferido com intimativa, deu de nós á botequineira uma ideia alta. J. B. fallando francez, fez-nos talvez passar pelos contractadores da illuminação a gaz, ou delegados russos que vinham fomentar a revolta. Os concorrentes, que tomavam as duas mezas, e nos fitavam espantados, era um

(*) E' o pão de ló d'outras terras.

lavrador, que sopeteava deliciosamente um enórme pão n'um copo de café em fórma de sino com a porca para baixo: defronte estava uma mulher arremangada até ao hombro, fazendo em outro copo ensaios hydraulicos com rijas côdeas, rebeldes á mollidão do liquido, ao que parecia do tregeitar dos seus queixos invalidos.

Eu, emquanto o café se preparava atravez dos variados philtros que lhe dão a fortaleza em Braga, fui comprar uma folha de papel para escrever para a terra.

Em cata do papel, tive occasião de entrar na tenda contigua ao botequim, e vi uma moçoila espadauda, escarlate, cachopa de encher o olho desdenhoso do mais enfastiado veterano dos salões. Estive, vai não vai, a pedir-lhe uma conta exacta das suas impressões ao vêrme; mas abstive-me de sondar os segredos do tecido adiposo que lhe pejava os suburbios do coração. Retirei-me com a mulher entalhada na terceira potencia d'alma—porque sou extremamente espiritualista—e vim sentar-me a escrever a minha carta, emquanto L. B. lia um prospecto do cosmorama em Braga na noite d'aquelle dia.

«Se viermos hoje ficar a Braga, de volta do Senhor do Monte — disse elle com a mais comica seriedade — temos uma noite cheia.

— Porquê?—disse J. B.

«Vejam esse programma.»

Lêmos, e notamos, entre outros, dous quadros da exposição, que muito nos deviam deleitar, e instruir sobre dous factos importantissimos, cuja averiguação nos tinha dado muito que scismar. Era o primeiro:

O MAGNIFICO QUADRO DA PESCA DO SALMÃO!

A pesca do salmão!

Imagina o leitor, não visto na pesca da solha e do safio, o que é a pesca do salmão?!

J. B. tinha visto o *Louvre, Versailles, S. Marcos* em Veneza, *S. Pedro* em Roma, o *Tunel,* o *Lago di Como,* e declarou com o coração a rebentar de curiosidade e riso, que não fazia ideia alguma da *magnifica pesca do salmão!* L. B., e eu, que a respeito da pescaria, não vamos além da pescadinha marmota e da tainha, estavamos, como o outro que diz, parvoínhos com a gloria de entrarmos nas nossas terras a contar aos ignorantões, que nunca viram nada, a *magnifica pesca do salmão!*

Não riam um riso tôlo os tôlos que só sabem rir. Eu conheço os, dos que foram ás duas *Exposições,* para se *exporem* aos nossos olhos, na vespera de irem, e depois de voltarem. Pois ninguem dirá que foram. Este, o que trouxe de lá, foi uma casaca comprada em Londres; aquelle veio dizer aos seus amigos que o cavallo de tal lord tinha a clina pintada, e uma malha encarnada no jarrete direito; est'outro d'uma agua-furtada de Paris namorou uma collareja, e não ultrapassou a decencia platoniana, porque não sabia francez. Todos elles com aquella *pose,* que lhes vêdes, de homens que viram, se a instrucção pagasse direitos de sahida, crêde-me que passariam na alfandega inviolaveis ao fisco. São contrabando, sim, mas contrabando no senso-commum. Estão ahi postos em altura invejada do vulgo sordido, porque o tendeiro pae, ou o almocreve avô, não podem vir da

campa dar-lhes na cara com os tamancos e os calções de belbutina que lhes cá deixaram para *memento*. E' o que os mata a elles, ainda assim, a visão dos tamancos e dos calções! Sandeus porque não ides vêr, e contar á familia o *magnifico quadro da pesca do salmão!*

Deixal-os: elles não lêem isto, nem lêem nada. Andam ahi consubstanciados nos seus cavallos, e fazem de conta que vieram, porque eram cá precisos; e, medrados ao bafejo da estupida fortuna, fazem da sociedade, que os acata, o seu incessante espolinhadouro. Meu querido tempo, e meu querido papel!...

Vamos ao outro quadro:

Os collegiaes sahindo a passeio na rua da Corredoura, na cidade de Tuy

Quanto dariam vossas excellencias, leitores, por vêrem os collegiaes de Tuy passearem, como qualquer de nós, na *rua da Corredoura*? A circumstancia de serem de Tuy, e a de passearem na rua da Corredoura, é um facto que, se não palpita, pelo menos escoucinha de interesse! Abençoadas tintas e abençoados lentes que, por um pataco, nos raptam os olhos com maravilhas que a mais fogosa imaginação nos traçaria! Que bem empregado pataco, se eu podesse ver o expositor, *d'après nature*, com uma albarda no dorso, e um collegial de Tuy bifurcado n'ella!

«Venha o café, que tudo isto desafia o vomito» — disse J. B. emquanto eu archivava na minha carteira

este documento, que espero não seja o unico das minhas explorações por estes mundos de Christo.

Veio, emfim, o café; e, diga-se a verdade, era forte. Estavamos bem pagos da espera, e contentes do serviço. No acto do pagamento, muito queria a escrupulosa botequineira saber qual de nós tomára um bolinho, e qual dois, para seu governo. Que relevos para um quadro não inferior ao da pesca do salmão!

Saldadas com difficuldade as contas, despedimo-nos penhorados da senhora Brigida, ou como é que se chama, e, graças ao favor que devemos a sete ou oito encapotados que interrogamos, encontrou se a administração do correio.

VIII

Capitulo sisudo, em que o author se dá o sobrecenho grave de escriptor conhecido, senão na Europa, ao menos na sua rua. Vê-se o que o author pensa dos tendeiros, e outras cousas afflictas.

Antes de entrarmos no correio, paramos em frente do portão, enlevados n'um cartaz, lavrado em lettra cursiva de bom tamanho e aprimorada fórma. Lêmol-o, e L. B., a meu pedido, copiou-o textualmente.

O leitor erudito, d'oculos e pitada nos dedos engatilhados, queria antes que lhe déssemos a cópia de alguma inscripção romana. Que me importa a mim o que os romanos escreveram?! Digam-se e escrevam-se cousas que prestem alguma utilidade á gente. O que passou passou, e nós vamos passando.

Do saber lêr ha um só partido que tirar: aligeirar o tempo agradavelmente. O que por ahi se chama instrucção, erudição, sabedoria, sciencia, é a maisôca das vaidades humanas.

O homem que morre, dizendo: «li muito» é um suicida, um nescio que se desherda dos prazeres da vida, um celibatario de todas as patuscadas humanas, que não serviu, sequer, para entreter senhoras n'uma sala.

Eu estou curado da febre intermittente do estudo, desde que a minha boa directora domestica, economica, gastronomica, e até espiritual, me disse que eu escrevia muita *onzenice* que não valia nada. «Que importa saber o que disseram esses homens do tempo do *Bofelhas?*» pergunta ella, e tem razão. «Se a gente podesse saber—accrescenta—o que hade vir, então valia a pena estudar; mas saber o que passou é não ter em que empregar o tempo!»

Bem haja ella que me revirou o sestro das *onzenices* por melhor caminho. Os meus ultimos escriptos teem merecido o seu louvor, que não quero desmerecer, desafiando-lhe a justa cólera com inscripções romanas e outras que taes pataratices indigestas que incruam o estomago, e excruciam a paciencia das pessoas de juizo.

Vamos ao que revê actualidade, e significa alguma cousa nos tempos que correm. Ahi vai textualmente a cópia do cartaz:

«*Peira, Dentista e Cirurgião.*

«*Põe toda a sorte de dentes artificiaes. Limpa os dentes. Extrae-os com a maior Destreza, e raizes. Firma os que estão abalados cortando os arralando os e pondo-os em boa direcção. Tira lhes a dôr, chumba os. Tira o máo cheiro da bocca. Tira verrugas, cravos e calos. Tira a bicha solitaria.*

«*Residente á onze annos na cidade de Braga e ao*

«*presente na Hospedaria do snr. Fanqueira no Campo*
«*de Santc'Anna n.°....*»

Eis aqui outro Herodes da bicha solitaria! Convidei os meus amigos a procural-o em casa do senhor Fanqueira. Eu queria desmentir com este doutor em dentes o outro doutor lá de cima, e provar que Mr. Peira, vindo naturalmente de Paris para Braga, disputa a Gondifélos a efficacia da mésinha. Os meus amigos não annuiram. Algum dente que ainda me resta, como sentinella perdida em arraial onde se deu grande batalha, queria eu entregal-o a Mr. Peira, para que elle m'o *firmasse, cortando o;* processo novo de certo, mas facil para quem extrahe um dente com a *maior destreza, e raizes;* o que eu não sei é se elle tambem extrahe raizes *com a maior destreza, e dentes.* Recommendo, porém, Mr. Peira, não só a quem tiver verrugas, cravos, e callos, mas tambem á authoridade administrativa e aos vigias da camara, se lá os ha. Um cartaz d'estes deve considerar-se entulho, e o cirurgião que tira *cravos* é melhor para os trazer que para os tirar.

A casa do cidadão, segundo a Carta, é inviolavel; a porta da casa do cidadão deve tambem ser inviolavel ao cartaz das asneiras. A' sombra da realeza tem-se feito muitas, mas não sou de voto que se escrevam outras, debaixo das armas reaes, que cobrem o portal da administração do correio.

Estas e outras anomalias significam tristemente a civilisação bracharense? A illação é injusta, leitores.

Braga não é responsavel pelo café-forte da senhora Brigida, e pelo annuncio de Mr. Peira.

Se pedirem contas ao Porto do que por cá vai, ha ahi rudeza, asneira, tolice, e charlatanismo de que Braga póde desforrar-se com vantagem.

Nós cá temos os jornalistas que vão ás Caldas, e mandam dizer ao collega que são visitados incessantemente pelos seus numerosos amigos.

Temos viscondes que fazem palacios, e mostram aos admiradores, como joia de invenção architectonica, a pia em que lançam de molho o bacalhau.

Temol-os da mesma laia que se despedem de assignantes do jornal, allegando que o jornal, vindo sempre cheio de palha, não falla d'elles — (o grito da consciencia! onde elles se procuram).

Temos directores de theatro que encarregam ao publico a nutrição das bailarinas mancas, que pozeram á mercê da sua protecção deshonesta.

Temos *mulheres de borracha*, que outros chamam de *marmore*, que saltam para o proscenio e exhibem ao publico as piruetas exhibidas ao particular.

Temos as locaes do jornalismo em que se annuncia ao publico e á Europa que José João Gomes deu um pinto de esmola ao hospital do Terço, e o filho de Manuel José Pires fez exame de grammatica latina.

Temos o orador commercial que enverga em dia duplex a farda de major de milicias brazileiras, e solta do peito o catarrho diplomatico e o discurso eriçado de asneiras victoriadas.

Temos a *Assembleia*, onde, *status in statu*, se acoi-

tam quarenta linguas que vibram a maledicencia infamante, a culumnia affrontosa, e a saliva envenenada a extravasar da posthema que enche lá dentro aquelles peitos gangrenados de corrupção senil.

Temos infames privilegiados, que pozeram mordaça na opinião publica, e exercem a immoralidade, a patifaria, a velhacada, á luz do dia, mas velam a face com a careta do enojo se alguma reputação infeliz se deixa conspurcar com o exemplo d'elles.

Nós temos cá... leva rumor! O que nós temos cá é cousa que se não diz n'um folhetim.

A Providencia pôz-me aqui no meio d'esta gente para alguma cousa. Os bons que esperem pelos meus primeiros seis volumes, e lá verão que na ordem dos entes creados não ha um só sem missão a cumprir. Eu hei de pintar esta gente.

Desdenham da civilisação de Braga?

Um botequim onde a mocidade esperançosa joga o dominó até á meia noite por não poder aturar a familia; dez jornaes que todos juntos não produzem nada em lhe faltando a polemica do *preto José Maria*, ou a estrada concelhia de Bouças; um passeio publico onde se constituem grupos de leões inoffensivos que conversam de manhã com o alfaiate, de tarde fumam o reservado charuto de pataco, á noite vão ao theatro domesticar com as piruetas de cabeça o collarinho percuciente, e educar os pés confrangidos no polimento milagroso. E' isto o que faz prevalecer o Porto a Braga em civilisação?

A civilisação não é isto. A civilisação é a civilisação.

E' tudo quanto quizerem menos tudo isso que por ahi se inculca.

Ora agora, Braga.

Braga é uma terra original, typica, *sui generis*. Tem salões e mulheres que conhecem todos os segredos, a estrategia toda, a physiologia subtilissima dos amores do salão. Tem leões e leôas. Tem crentes, scepticos, cynicos em ambos os sexos. Tem Renaulds e Lovelaces. Tem cavalheiros *da triste figura*, e Aldonsas Lourenzos... nunca encantadas. Tem Lucrecias e Fulvias. Tem Clarisses de virtuosa isempção, e outras que, como a outra dos Proverbios biblicos, *tergens os suum*, dizem: *nom sum operata malum*.

Onde ha isto, o perfume da civilisação rescende como o nardo dos thuribulos nas aras gentilicas da Cypris Callipygia. Onde o coração aspira este aroma, bebem-se grandes sorvos de vida, move-se a imaginação, electrisam-se os espiritos, vibram-se todas as cordas do peito, remoça a alma, embriagam-se os sentidos, variam-se as sensações, enrijecem-se os nervos, e centuplica-se a existencia; emfim, reconhece a gente que está em paiz civilisado.

Lá, uma intriga de sala é um estudo em que medram os Balzacs. Quem estuda as paixões aristocratas de Paris, nos romances de Spiegel, cuida que Spiegel veio visitar o Senhor do Monte, e visitou em Braga os saraus do meu excellentissimo amigo K., do meu excellentissimo amigo Z., e do meu excellentissimo amigo W. Ha casos em que uma palavra ahi proferida n'uma assembleia de cem pessoas, uma palavra não dita, nem escripta nem

explicada por Samueis, que os não ha lá, alvoroça, agita, sacode, intriga, enreda, embrulha toda aquella gente, de modo que o dono da casa não sabe, nem já quer saber, por fim, se tudo aquillo se entende com elle, se com ella, se com elles, se com ellas, se com o leitor, se comigo! A esta bulha, a este andar ás aranhas um dono de casa, é que eu chamo civilisação de sala, policia, verniz, lustro, o que quizerem, da humanidade. Tudo o que não fôr isto é a barbaria, o escandalo, o wisth, o boston, o voltarete, e a bisca de nove.

Digam-me cá os mancebos do Porto, as esperanças da *Praça-Nova* e da patria, porque vão folgar, espairecer-se, deliciar-se á sociedade bracharense de vez em quando? Não acham lá bizarria, franqueza, ingenuidade, confiança, agrados, cortezania que não deparam por cá, apesar do merecimento, gentileza, luneta, charuto e mais partes que concorrem nas suas pessoas?

D'elles conheço eu algum, que, avezado a uma *excellencia* que lhe lá prodigalisará a etiqueta, vai annualmente saborear as delicias que entre nós custam um baronato e uma carta de conselho. A *excellencia* leva mais gente a Braga que a facilidade de transporte na *Diligencia*.

Conheço eu um tendeiro do Porto que vende pernil de presunto, campeche, queijo nacional, figos de comadre, e vassouras. Este tal entrou por aquella rua estreita de Braga, espicaçando o fouveiro e acordando os eccos da velha cathedral. Chega á estalagem, veste cuecas e camisa lavadas, faz a barba, sahe, fazendo estalar o chicote, accende um charuto no primeiro grupo onde se

fuma, faz o elogio do seu cavallo, trota, recúa, ladeia, galga, galopa, estaca, impina-se, apeia, estira e sacode a perna garbosamente cambaia, levanta a poeira de sobre os joanetes, pergunta pelas mulheres de Braga, recolhe-se a comer um frango com ervilhas, gaba á estalajadeira o *binho berde*, é cumprimentado, é levado a um salão, recebe impávido uma excellencia, mazurca com a menina da casa, recolhe-se, dá quatro palmadas na anca da besta á qual deve a consideração de reflexo, e escreve ao visinho:—*Cá estibe na assomblea dum fidalgo, isto aqai é bô!*» etc. Assim aconteceu com o tendeiro, e acontece em Braga com todos os tendeiros.

Que é o que elles fazem desde o marquez de Pombal para cá, os tendeiros? Obedecem ao impulso *que* lhes deu o grande marquez, inimigo entranhado da aristocracia. Reluctam, reagem, erguem-se até poderem misturar-se, identificar-se, consubstanciar-se na classe que os não póde sacudir de si. Para elles, o nivelamento é a extrema raia do progresso; mas o nivelamento com os que estão em cima.

Ora, digam-me: a sociedade que os receber, e os acolher, e os igualar a si, sem descer até onde ella se acha—essa sociedade não será a mais illustrada, a mais progressista de todas?

E', sim, senhores... A mais progressista e illustrada de todas as soeiedades é a de Braga, onde á cara suez do meu fornecedor de queijo flamengo lhe assopram uma excellencia, que tem só o inconveniente d'elle vender as ceiras dos figos e nobilitar-se; ou para fechar a loja o mais breve que possa, emancipando-se do arroz

e da manteiga levantar-me um vintem n'estes generos de consumo.

O inconveniente do progresso, que se leva a pontapés, é este. A excellencia de carnaval, que se enxovalha em Braga, é um aguilhão que pica a vontade de recebel-a para cá de *Maximinos,* e para lá da *Senhora-á-branca,* onde expira o diploma do titulo. D'essa ancia, d'esse desejo ardente resultam grandes males sociaes. O tendeiro será barão; mas antes de o ser, esquadrinhará todos os processos asquerosos, encherá a circulação de moeda falsa, enviará com ella o proprio Senhor dos Passos ao Brazil, venderá brancos aos que preferem esta veniaga á dos negros... Por Deus! uns, vendamos bacalhau; e outros, vendamos folhetins! Deixemo-nos estar aqui onde uma honesta industria nos pôz.

Nossos avós, honrados burguezes, calçaram tamancos, e envergaram uma carrossa.

Já adiantamos muito.

Nós temos botas de cano vermelho, e raglans.

Quereis *excellencia?* Sêde excellentes sapateiros, amolai canivetes com excellencia, sêde excellentissimos capadores de leitões, rufai com excellencia um tambor, medi o azeite com excellencia, sêde excellentes no vosso trafico, e, se não vos agradam estas doutrinas, ide ao diabo, mas não vades a Braga vexar a delicadeza d'aquelles cavalheiros, que soffrem por cada excellencia que vos dão um puxão de orelhas do senso-commum.

Leitores, não se póde ser sério! O deacho dos tendeiros!...

IX

Apologia das mulheres, e o chapéo de E. B. De como os cavallos estiveram em paroxismos, e o successo inaudito que os salvou. Porque é que os garranos não cavalgam certos homens. A hospedaria real, e o que ahi nos aconteceu, cousa pasmosa de ouvir-se. Infortunio de não ser *José Joaquim*. Os persevejos e os godos. Faz-se critica litteraria d'uma poesia, e apologia da Mesa da Real Confraria.

Privados uma grande hora das salgadas observações de E. B., fomos bater á porta da familia que o fizera esquecer de nós, e, se a myopia me não enganou, a preferencia era racional. Mulheres, ainda que sejam primas, fôram, são, e hão de ser, cada vez mais, a maxima formosura d'este planeta. Se as tiram de cá, isto é immundo, a vida é um desterro, e a vaidade, o coração, a bravura, o talento, a gloria são palavras sem signifi-

cação. O que restaria? Um enxame de bipedes, agatinhando n'uma bolla, feiamente achatada para os pólos, cousa ridicula, que fez dar risadas estrondosas áquelle Micromegas habitante da estrella *Syrio*, de que falla Voltaire.

E. B. surgiu na janella, empunhando uma taça de café, na mais doce e cordeal beatitude de estomago. O barbaro, amanhecendo ao romper d'alva em casa de suas tolerantes primas, fizera saltar a cosinheira estremunhada do somno matutino para a cosinha. E. B. duvidou do café-forte em Braga, e, como todos os scepticos, fez victimas. Lá, do balaustre da varanda, Pilatos de si mesmo, mostrava-se-nos; e nós, ralados de inveja, judaisando, estivemos quasi a bradar á familia que o crucificasse.

Aninhados na carroça, começamos a transpirar copiosamente. A testa brunida de L. B. gotejava como uma catarata. J. B. soprava como um Eolo de fraque. E. B. contava nos em estylo inspirado a excellencia do café, a pureza do leite, e as delicias do pão quente com manteiga. Eu, cobrindo-me com a manta-chaile, se não estivesse tão safada a imagem do Cesar cobrindo-se com a tunica, diria que um raio do sol oriental se me coava pela cabeça, ardente e pungente como o punhal de Brutos.

Oh! a suavissima estrada por onde subimos para o Senhor do Monte! Aquillo é que é o desconjuntarem-se as molas do carro, o partirem-se os cavallos pela espinha, o desarticularem-se os femures á gente! Cada barrocal, cada corcovo, em que se deslocava uma entranha da

sua inserção primitiva! Iamos alli todos ennovelados como embrulho de annhelidos, mas annhelidos ossudos, e agudamente ossudos. A cada balanço, seguia-se a desordem, a anarchia dos joelhos, a deslocação, e o pavoroso «*sauve qui peut!*» Jogavamos o jogo dos cantinhos: era uma agitação diabolica, phantastica, indescriptivel, cousa só comparavel a si mesma! No remoinhar convulsivo d'estas massas, em que eu tambem era massa, avultava o supradito chapéo de E. B., que algumas vezes sahiu com o dono mal ferido dos recontros. Lembra-me vêl o, n'um d'esses conflictos, com a cópa em fórma de triangulo obtuso; outra vez, assolipado por uma gebada, affigurou-se-me uma bacia de barbeiro; por fim, passou ao indefinivel, assumindo todas as fórmas phantasticas de que é susceptivel um chapéo de insondavel profundeza e elasterio.

N'esta angustia, os cavallos estacaram. Não era a indecisão do burro de Buridan que os sostinha: eram as vascas da morte! A parelha derretia-se no suor glacial do trespasse. Parecia de manteiga. O sota, consternado, o semblante lagrimoso e verde de susto parecia pedir-nos que apeassemos. E. B., obdurado e descaridoso, não queria sahir de entre as bambinellas da dorna. Os outros saltamos para testemunhar a catastrophe em terra firme. E. B., o pertinaz, cedeu por fim ás exclamações do orador *pro équibus*, e desceu.

Coincidencia desastrosa! Dois lorpas, vindos de cima, bifurcados em garranos d'uma transparencia ideal, ao perpassarem por nós, deram de esporas nos ilhaes membranaceos dos bichos, para nos darem d'elles e dos gar-

ranos consubstanciados uma alta ideia. Era muito para vêr-se! Foi um distribuir de couces espantoso para todas as direcções possiveis na estrella dos ventos! Nós, inermes e espavoridos, achatamo-nos com as paredes, dando *place au droit*... do couce, o que a nenhum de nós acontecia pela primeira nem pela segunda vez, e tem de acontecer muitas outras ainda...

A nossa parelha, ferida nos brios como o leão da fabula, guiou as orelhas, assoprou um resfôlego de bravura senil, e correspondeu com dois pinotes tersos e compactos na anca dos rocins, especie de quilhas de barco saveiro. Foi um expediente feliz! Os garranos compartindo em desastres e glorias com outro quejando do fidalgo manchêgo, recuaram até á parede, e, no stupor mudo em que ficaram, pareciam culpar os donos como responsaveis d'aquella indecorosa sahida! Quando veremos nós certos garranos cavalgarem certos homens, e não estes áquelles? Quando a fraternidade não fôr uma palavra vã.

Galvanisados pelas fortes commoções, os nossos triumphantes cavallos cobraram espiritos, tossiram impacientes, e, graças ao estrepito do chicote, treparam gemebundos, com o carro vazio até ao cimo da calçada precipitosa. D'ahi ao Senhor do Monte é incalculavel o liquido caudal que nós, quatro esponjas humanas apertadas pelo calor, distillamos.

Não diziamos palavra. A poesia ia-nos litteralmente aguada. A floresta balsamica, fresca, e encantadora passamol-a sem levantarmos os olhos das escadinhas ingremes. J. B. ainda quiz aspirar um sorvo d'aquelle frescor, e talvez saudar com um extasis do coração natu-

reza tão rica. Eu, que sou passaro bisnau n'estes enlevos poeticos, quando a camisa suada se cose ao corpo, disse-lhe que aquelles seus arrobamentos importavam um defluxo, um catarrho, uma pleurite, uma pneumonite, uma laringite, e uma gastrite. J. B., aterrado por este indice pathologico, fugiu escada acima a metter-se na hospedaria, que se diz *real.*

Realmente taverna!

E eu vos conto.

Agora leitores, sejam tolerantes comigo. As damas, que vão lêr-me, previnam-se com um frasco de espirito de cravo. Não chamarei ás cousas pelo seu nome como Boileau; porém, farei que a penetração do leitor supra a clareza da phrase.

Almejando uma cama onde refossilassemos as reliquias de vida que salváramos da tormentosa jornada, chegamos á *hospedaria real,* e pedimos um quarto com quatro camas. «Não ha senão dois quartos com tres camas» respondeu um gamenho em sócos e mangas de camisa côr d'assucar mascavado. — Mas nós queremos quatro camas — replicou-se. «Só se fôr uma no soalho» redarguiu o bruto coçando os cotovellos.

Transigimos, recommendando-lhe que nos désse lençoes lavados.

Entramos pela cosinha, e descemos para um corredor, marginado de quartos, em fórma de penitenciaria. Vimos ahi uma ama de leite cantarolando com sete rapazitos que grunhiam atraz d'ella. Logo tive isto como ruim agouro.

Abriram se-nos os quartos, e eu fiquei com J. B.,

protestando dormir seis horas. Não reparamos na limpeza, nem na porcaria. Deitamo-nos, e acareamos o somno fallando não me lembra em quê. D'alli a pouco uma voz argentina de mulher fallou á porta... Preparem-se para uma aventura. Vão vêr que as scenas romanticas não são exclusivo de Paris; podem dar-se em qualquer taverna de Portugal.

Alguma cousa extraordinaria deveria topar o leitor n'esta cadeia de vulgaridades chãs, e chatas. Chegou a occasião.

Era, pois, uma voz argentina de mulher; d'aquellas vozes que se vos philtram peito dentro até á fibra mais recondita do pericardio, que é a bolsa do coração, posto que bolsa e coração sejam incompativeis.

E aquella voz soava-me nos ouvidos dulcissima e sympathica como a ouvira

Ovidio de Corinna;
Ariosto d'Alcina;
Dante de Beatriz;
Petrarcha de Laura;
Miguel Anjo de Colonna;
Boccacio de Fiammetta;
Tasso de Leonor;
Camões de Catharina;
Raphael de Fornarina;
S. Francisco de Salles de M.me Chantal;
Mirabeau de Sophia;
Fénélon de M.me do Guyon;
Voltaire da Landgrave de Bareith;
Goethe de Bettina;

Chateaubriand de M.me Récamier;

Leopoldo Roberto de Carlota Napoleão;

Espronceda de Thereza—(até certo ponto).

Isto é que é saber vidas alheias.

Era, pois, uma voz argentina a d'aquella mulher. O coração dava-me pulos no peito. Ouvil-a, e morrer, meu Deus!

«O' José Joaquim!—dizia ella.

Quem será o ditoso mortal que se chama José Joaquim?—dizia eu a J. B.

«José Joaquim!—repetiu aquella voz feiticeira.

Bole-se na aldraba... a porta chia...

E' ella! Visão febril!

Metteu dentro um segmento de cabeça, viu-nos na attitude innocente do homem primitivo... recuou, e eu, para salvar a honra surprehendida e a natureza sem artificios pilhada em flagrante, soltei um ronco estridulo como o dos sete dormentes reunidos.

E a voz dulcissima calou-se para nunca mais se ouvir!

E acabou-se o conto. Tudo o mais que os meus imaginosos companheiros disserem não é verdade.

Desde então para cá não sei o que se fez em mim de tetrico e sepulchral! Quando ouço proferir *José Joaquim*, tenho febre, e mando para a botica a garrafa de tizana. Se me é licito parodiar Ganganelli: «d'isso hei de morrer» ou da gôta. Ha homens que nasceram para o amor: deixem fallar a Stael. Porque não nasci eu *José Joaquim!?*

Agora, uma pedra sobre este acontecimento: não haja

só pedras para os processos de notas falsas, e para as syndicancias judiciaria. Não se falle mais n'estes tres escandalos.

Bemaventurados são os que dormem. Eu e o meu infeliz companheiro de quarto não provamos a consolação do dormir. Uma horda de persevejos, sahida das furnas d'um velho catre de cerdeira, estendeu se em atiradores sobre o meu braço esquerdo, e d'ahi convergiu em pelotões, que manobravam entre a primeira e duodecima vertebra dorsal. O quartel general era no pescoço, e os piquetes estendiam-se até ao calcaneo, em ordem de batalha que faria inveja ás milicias de Tondella.

Eu dei um salto como Guliver inçado de liliputianos; soltei um grito stridulo como o do homem apunhalado traiçoeiramente pelas costas. J. B. ergueu-se hirsuto e pávido, vociferando imprecações contra o assalto inopinado dos persevejos, que á maneira dos ultimos godos, sahindo da sua Covadonga de pau amarello, lhe vinham de arrancada sobre os tecidos adiposos. Conceda-se a uma dôr legitima esta analogia entre o persevejo e o godo.

Saltamos fóra dos leitos, e abrimos as janellas. Os covardes retiravam em desordem, rareadas as fileiras. Nós contemplavamos, pállidos e enfiados, aquella canalha villã.

Era impossivel reconquistar o socego. Lamentamos de cocoras, como Mario em Minturnes, o nosso infortunio, e entramos a lêr as inscripções das paredes.

Não é prudente nem preciso dar de todas exacta conta. Na sua maior parte são innocentes asneiras. Aqui

é um glotão que nos declara que estivera alli a comer (não diz o que) e mais o seu compadre João, no dia tantos de tal. Alli é um sandeu que levantou as patas dianteiras e rabiscou na parede umas trovas que consagra á sua amada, que deve ser uma femea digna de tal varão. Acolá é um abaixo assignado de muitos que attestam terem comido bem, o que lhes não ha de acontecer em anno de carestia de feno. Em fim:

. . . . . *la canaille*
Écrit son nom sur la muraille.

Uma quadra que conservo de memoria, com a sua orthographia, é esta:

O' sñr. do monte, tende cuidado
Cos mezarios que vos servem que são ladrões.
Comem mais do que vos dão,
E engulipam tres partes das rações.

Esta cousa tem tal ou qual philosophia, emquanto a mim. Se estivesse em prosa, valia a pena de ser estudada, esgaravatada, e dissecada até encontrar-se a incognita do problema.

Vê-se que o poeta (porque não ha de ser *poeta?*) aconselha o Senhor do Monte que se acautele dos mesarios. E' ousadia impia dar conselhos ao Mestre por excellencia. Nem Judas, nem Poncio, nem Caifaz, ousaram tanto. Chama concussionarios aos membros da Mesa.... porque comem mais do que o Senhor do

Monte. Podéra não comerem! Os devotos mesarios comem como comeram já outros mais devotos que elles. Se o poeta reparasse na primeira capellinha á direita, veria que os apostolos comeram um cordeiro assado, e os christãos primitivos pouco mais faziam, nas catacumbas, excepto a oração, que não é menos frequente em Braga, onde a semente evangelica em anno fertil dá um por cem. Accrescenta o truculento e ominoso poeta que os ditos mesarios engolem tres partes das rações. E' engulir de mais!

Protestamos contra a calumnia torpe e sandia. Os mesarios do Senhor do Monte não desviam um ceitil da pia applicação dos devotissimos romeiros e benemeritos esmoleres que enriqueceram aquella tão util como piedosa confraria. De tempo a tempo, dá se uma mão de cal e vermelhão á cara dos judeus, feios bichos que estão alli para desmentir a historia, e a proverbial formosura da raça judaica. As guitarras e banzas dos anjinhos são tambem pintadas de vez em quando. As guardas das escadarias são argamassadas com frequencia, e sarapintadas de cal. A cal, branquinha como as almas candidas dos mesarios, predomina, e uma direcção virá que mande caiar as arvores, assim como já outra quiz cortar o arvoredo para que de longe se vissem alvejar as capellinhas. Não será possivel dar duas pincelladas de cal nos veneraveis frontispicios d'esses lôrpas?

Item: a actual mesa para maior grandeza do culto, vende umas fitinhas que são a medida do braço do Senhor do Monte, nómina muito milagrosa que todo o fiel christão deve comprar por oito vintens, bem como um

livrinho que explica os emblemas das capellas, que já inspiraram ao senhor Forjaz de Coimbra, um livro capaz de provocar a paciencia d'um Silvio Pellico.

Item...

No capitulo immediato, recommendo ás leitoras que abram o frasco do espirito do cravo.

CONCLUSÃO

Vê-se que não é preciso o frasco de espirito de cravo. O author apostrópha o tascante, e appella para o nariz do senado bracharense. Vota-se pelo bacalhau, e conta-se como suspirou E. B. De como sentiamos quasi nada, e o mais que se disser a respeito da mulher encadernada em homem. A senhora dos olhos bonitos, e diz-se o que Hamlet seria se comesse bacalhau. Alarido da canalha. As pernas da matrona, e o que é um fidalgo de estadulho em Braga.

Podem inutilisar o frasco, minhas senhoras. O author reconsiderou o plano d'este capitulo, e deve-se a reforma ao olfato melindroso d'um amigo que me fez sentir o mau cheiro dos elementos que deviam entrar na picota onde eu queria expôr ao azorrague e ás moscas o taverneiro estabelecido no Senhor do Monte. Ha um só genero de escriptos em que poderia tolerar-se a collocação que eu tinha de empregar aqui: é em agricultura um artigo sobre adubos. Ahi, graças a Deus, não vão as senhoras buscar passa-tempo, e o escriptor, fiel á sciencia e empenhado em propagar os melhores systemas de engrossar as terras, póde impunemente cheirar mal, e instruir os seus leitores agricolas com importan-

tes lucubrações sobre a materia que, de varios feitios, matizava as colchas que nos deram na *hospedaria real*, de suja recordação

Procedimento tres vezes infame!

Quando os nossos olhos mortaes acharam este fóco de infecção, sentimos spasmo no esophago, e estivemos a lançar n'aquelle chão maldito o café-forte de Braga. Foramos alli como a um manancial de inspirações saudosas, e encontramos uma Aganippe de... d'onde beberam, talvez, os poetas que decoraram as paredes d'aquella sentina. Nunca os beiços se te descollem d'essa fonte, taverneiro ignobil! Já que não aproveitas as grossas nascentes, que te jorram á porta, para lavares o teu bragal, ainda eu te veja, sicario, reduzido, não a pó, que é esse o commum destino da humanidade, mas... Para elles são vozes no deserto estas apostrophes; mas, se ellas chegarem aos ouvidos e ao illustrissimo nariz da camara municipal de Braga, a ella incumbe vigiar o quarto ou cloaca n.º 2 da immunda tasca, e remover d'alli aquellas colchas, fumigar aquelle quarto, e desalojar o sordido taverneiro que alli está envergonhando a terra, provando que elle é mais immoral do que foram todos juntos os judeus das capellas visinhas.

Anojados e phreneticos corremos ao quarto dos nossos rapazes a relatar o escandalo. E. B. regougava que o deixassem dormir, transigindo assim momentaneamente com a impudencia. L. B. pediu com ancia umas piugas, e saltou da cama, livido de terror. Então juramos não passar alli a noite, e reunimos em sessão para

decidirmos o que devia comer-se, menos susceptivel da influencia suja do cosinheiro. Meditada profundamente a proposta, e recolhido cada qual em sua consciencia, levantaram-se todos como um só homem e prorompe-ram em vozes unanimes, dizendo: — «Nós somos livres, o nosso estomago livre é, e assim queremos bacalhau.»

E. B. viera juntar o seu brado á causa da justiça e da moralidade. No instante solemne em que o nosso futuro era resolvido por um d'esses arrojos convulsivos de que depende a emancipação d'um povo, o apoio do nosso amigo, antagonista racional da prepotencia ignobil, e apostolo ardente da maxima liberdade, devia necessariamente pender para o bacalhau. Assim é que se dizem as coïsas. O palavrão garrafal vem aqui a frizar com muita mais justeza do que nol-o impingem por ahi os assopradores da politica, que raro decidem cousa mais momentosa.

Emquanto o bacalhau se cosia, fomos desenjoar-nos com o ar purissimo do arvoredo.

A brisa espanejava entre a ramagem as azas murmurosas. O estrepito das bicas quebrava o saudoso silencio da selva. O sol, coando a custo a copada abobada, mosqueava a relvosa collina sobre que nos deitamos como quatro sátyros aposentados.

Houve silencio de alguns minutos. Foi E. B. que o quebrou assim:

«Á mim disseram-me que enviasse d'aqui um suspiro, nas azas da saudade, ao coração saudoso··· não direi de quem, porque o amor mais sancto é o que mais se resguarda no sanctuario do mysterio. Um suspiro

saudoso! Como darei eu um suspiro?! E' forçoso que se cumpra o sacrificio.» Disse, e soltou um som cavo, cousa inclassificavel entre o arrôlo e o espirro.

Não sei se os leitores se riram; eu não pude. Aquelle gracejo para mim foi um incentivo de mui dolorosa meditação. E não pude guardal-a só comigo: revelei-a assim aos meus amigos:

«Se nos aqui reunissemos antes dos vinte annos, E. B. não teria senão um suspiro em caricatura com que saudasse n'este logar a memoria de uma mulher? Os nossos corações teriam, apenas, uma ironia para celebrar debaixo d'este céo o amor? E' bem lastimavel esta aridez de quatro homens, tres dos quaes não ha muito que revelavam nos versos paixões profundas, extasis do céo, amores incendiarios, saudades sanctas de uma outra vida que não é esta! Que almas tão decahidas as nossas! Este local é como um padrão onde devem vir afferir-se os corações que perderam no mundo o seu valor. Quem não traz para aqui a imagem de uma mulher que possa cá purificar-se em imagem d'anjo, é bem infeliz! Pois nem ao menos uma saudade do que fomos? nem a esperança póde já reviver? Que sentes tu L. B.?

— Nada.

«E tu, J. B.?

— Nada: estou prodigiosamente estupido. Preciso estar calado.

«Mas no silencio o que ouves? o que dizes?

— Nada: é um cáhos de ideias, sem significação.

«E tu, E. B. que sentes?

— Vontade de jantar. Essas perguntas são vãs e pretenciosas. Trinta annos passados, volta-se a ampulheta. Os bagos que cahiram até aos trinta annos eram d'ouro; os que se côam depois são de areia. Uma bella natureza é o esmalte do mundo que as illusões nos dão. Eu hoje diante d'este quadro não posso senão sentir a admiração do artista. Digo com Rousseau: «A natureza, para os meus olhos, está morta, como a esperança no fundo do meu coração». Sou um vegetal como estes vegetaes, mas não tenho como elles quatro estações; só tenho o inverno, a sazão das nortadas, que, não tendo folhas que me arrebatem, passam por mim com um rugido lugubre. E mais nada. E' chegada a tua vez: e tu que sentes?

Eu ia dizer o que sentia, quando divisei dous vultos sentados á sombra de uma arvore. A apparencia figurava dous homens, e um d'elles trajava uma blusa preta, calça branca, e chapéo de palha de largas abas por debaixo do qual desciam sobre as espáduas tranças desageitadas. Era uma mulher. Tinha semblante de quem soffre muito. Disseram-nos depois que se encontrava muitas vezes chorando ao-pé d'aquelle homem. Era franceza, e poderia ter sido formosa. Elle era tambem francez. O segredo d'aquellas duas existencias não pude devassal-o. Que lagrimas seriam aquellas? Alli, n'aquelle local, tão perto do céo, com o testemunho de Deus tão visivel alli, nas maravilhas da creação, que barbaro teria a ferocidade de fazer chorar uma mulher? Porque se vestia de homem? Seria um capricho ou uma necessidade? Curiosidade infecunda! desespêro de romancista que julgou apanhar alli um romance em flagrante!

Eram horas de jantar. Um legitimo pejo empece-me de dizer-vos que jogamos o dominó emquanto se ordenavam na mesa uns ferruginosos talheres de chifre. Ao passo que machinalmente fazia jogo, apascentei estes honestos olhos, que a terra ha de comer, n'um rancho de senhoras portuenses que nos estavam defronte airosamente sentadas ao-pé d'uma fontinha, frescas como ella, e graciosas como as dryades naturaes d'aquella fonte.

Uma, que deve ser incentivo de vaidade para seu marido, vencia em graça as donzellas que lhe não desbotavam os encantos. Não sei d'olhos mais bonitos, nem de cabellos negros que tão bem dissessem com o marfim do collo! Não sei quem ella é, nem conheço o ditoso conjuge; mas não sirva isto de embargo aos meus parabens a ella e a elle. Vivam muitos annos, e tenham muitos meninos, que eu vou comer o meu cãldo negro de Sparta que corresponde ao bacalhau de Braga.

Foi um devorar homerico! Tudo o que está dito na *Gastronomia*, poema de Berchoux, é inferior áquillo. Por um auspicioso systema de compensação, conheci que a vitalidade dos meus amigos refugira do coração para outra viscera dos suburbios. Provou-se o elasterio do estomago, e levou-se á evidencia que as brisas e agua fresca não eram sufficiente alimento para nós. Nunca Shakspeare ousaria dizer que Hamlet vivia d'ar e esperanças, se o pobre moço, em vez de andar á bordoada com o padrasto, viesse até ao Bom Jesus de Braga impregnar-se da molecula saborosa do bacalhau. Inaugurada a realeza do estomago, como prova do ma-

ximo adiantamento, é difficil morrer de pena que não seja a de uma indigestão.

Foi justamente a morte que eu muito receei lá em cima. Ficamos n'um spasmo de tres horas, depois de jantar. Confesso que me pareceu feia a natureza, e até feias as mulheres que me sorriam divinas quando o bacalhau não era ainda metade da minha existencia vegetal. Este estylo resente-se do meu estado de então.

Emmalamos, e partimos para Braga.

Dentro do carro, fomos rodados de modo que o regurgitamento cedeu aos choques.

Entramos na cidade ao lusco-fusco.

Desde a entrada até ao campo de Sanct'Anna fomos recebidos com assobios e guinchos, e mugidos dos garotos, aprendizes de chapeleiro, que vinham ás portas das officinas ganir. Os nossos antigos descobridores quando saltavam em praia de barbaros eram assim recebidos. O mais é que os patrões das officinas pareciam folgar n'aquelle alarido da canalha. Que terra! Aquillo poderá ser gente? O que lhes vale é o terço depois que uivam. Para que quererá Deus lá em cima similhantes alarves?

Chegamos á hospedaria da *Estrella do Norte.*

Vimos um par de grossas pernas de uma redonda matrona que se estirava o mais commodamente que se póde sobre uma cama, e dava *gratis* o espectaculo aos que lhe passavam diante da sua porta. Pareceu-nos bastante ingenua a nossa vizinha de quarto! Os commentarios ás pernas foram interrompidos por um robusto «aqui-d'el-rei» que vinha da rua.

Saiba-se o que é isto. E. B. desceu á rua, e nós fomos á janella. Vimol-o ennovelar-se na mó do povo que se apinhava em redor da victima lamuriante.

Depois lá debaixo cá para o segundo andar, E. B. com toda a força dos seus pulmões, exclamou:

«Foi o fidalgo que lhe bateu.»

Apenas proferida a palavra «fidalgo!» todo aquelle gentio escoou-se pelas travessas lateraes, e o cidadão bracharense, desamparado, achou que era quéda sobre o couce do fidalgo enrouquecer gritando pelo rei, que valia menos alli que o cabo de policia.

A historia era simples. Um homem do povo ousou murmurar do fidalgo que atropellára com o cavallo uma velha. O fidalgo apeia, desencrava um estadulho d'um carro, e fal-o ir a terra. O espancado grita, o povoleu escorre em tropel das betesgas visinhas, quer saber quem é o faccinoroso. Diz-se que é o fidalgo: a corja dos villãos despeja o forum, e vai exercer a sua dignidade de homens rezando o terço, e assobiando aos forasteiros que entram, ou apedrejando o incauto que se não descobre.

Vou concluir.

Passamos uma noite atormentada. A legião dos persevejos lá de cima tinha destacamentos cá em baixo. L. B. e E. B. andaram tres horas com os enxergões ás costas. Eu descobri na minha cama um animal novo; não era bem insecto nem mollusco; repelli-o com toda a força da minha indignação, e adormeci.

A's tres horas da manhã estavamos em marcha. Os dous irmãos Barbosas para Vianna, sua bella patria: Evaristo Basto, e eu para o Porto.

Agora seriedade:

No abraço de despedida, conhecemos que ainda tinhamos coração, um grande coração para a amizade. Estremem-se todas as facecias d'esta bugiaria, e confesse, um por todos, que, apesar de tudo, tivemos dous dias de felizes risos. Tomáramos nós outros dous assim!

Os meus amigos em suspeitando que teem bicha solitaria, dêem parte. Eu de mim desconfio que tenho duas, mas as *probalidades physicas* são as mesmas.

FIM

CAMILO CASTELO BRANCO

50
AP.
2600

Duas horas de leitura

327 G. 24

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

OBRAS DE CAMILO CASTELO BRANCO

Cada volume br. 4$50 - enc. 7$50

1 — Coisas espantosas
2 — As três irmãs
3 — A engeitada
4 — Doze casamentos felizes
5 — O esqueleto
6 — O bem e o mal
7 — O senhor do Paço de Ninãis
8 — Anátema
9 — A mulher fatal
10 — Cavar em ruínas
11 e 12 — Correspondência epistolar
13 — Divindade de Jesus
14 — A doida do Candal
15 — Duas horas de leitura
16 — Fanny
17, 18 e 19 — Novelas do Minho
20 e 21 — Horas de Paz
22 — Agulha em Palheiro
23 — O ôlho de vidro
24 — Anos de prosa
25 — Os brilhantes do brasileiro
26 — A bruxa do Monte Córdova
27 — Carlota Angela
28 — Quatro horas inocentes
29 — As virtudes antigas — Um poeta português... rico!
30 — A filha do Doutor Negro
31 — Estrêlas propícias
32 — A filha do regicida
33 e 34 — O demónio do ouro
35 — O regicida
36 — A filha do arcediago
37 — A neta do arcediago
38 — Delitos da mocidade
39 — Onde está a felicidade?
40 — Um homem de brios
41 — Memórias de Guilherme do Amaral
42, 43 e 44 — Mistérios de Lisboa
45 e 46 — Livro negro do padre Deniz
47 e 48 — O judeu
49 — Duas épocas da vida
50 — Estrêlas funestas
51 — Lágrimas abençoadas
52 — Luta de gigantes
53 e 54 — Memórias do cárcere
55 — Mistérios de Fafe
56 — Coração, cabeça e estômago
57 — O que fazem mulheres
58 — O retrato de Ricardina
59 — O sangue
60 — O santo da montanha
61 — Vingança
62 — Vinte horas de liteira
63 — A queda dum anjo
64 — Cenas da Foz
65 — Cenas contemporâneas
66 — O romance dum rapaz pobre
67 — Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado
68 — Noites de Lamego
69 — Cenas inocentes da comédia humana
70 e 71 — Os mártires
72 — Um livro
73 — A sereia
74 — Esboços de apreciações literárias
75 — Coisas leves e pesadas
76 — Teatro: I — Agostinho de Ceuta — O marquês de Tôrres Novas
77 — Teatro: II — Poesia ou dinheiro? — Justiça — Espinhos e flores — Purgatório e Paraíso
78 — Teatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa — O Morgado de Fafe amoroso — O último acto — Abençoadas lágrimas
79 — Teatro: IV — O condenado — Como os anjos se vingam — Entre a flauta e a viola
80 — Teatro: V — O Lobishomem — A Morgadinha de Val de Amôres

---

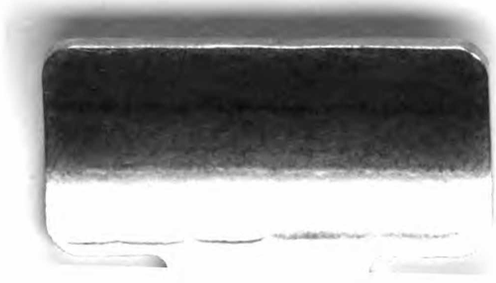
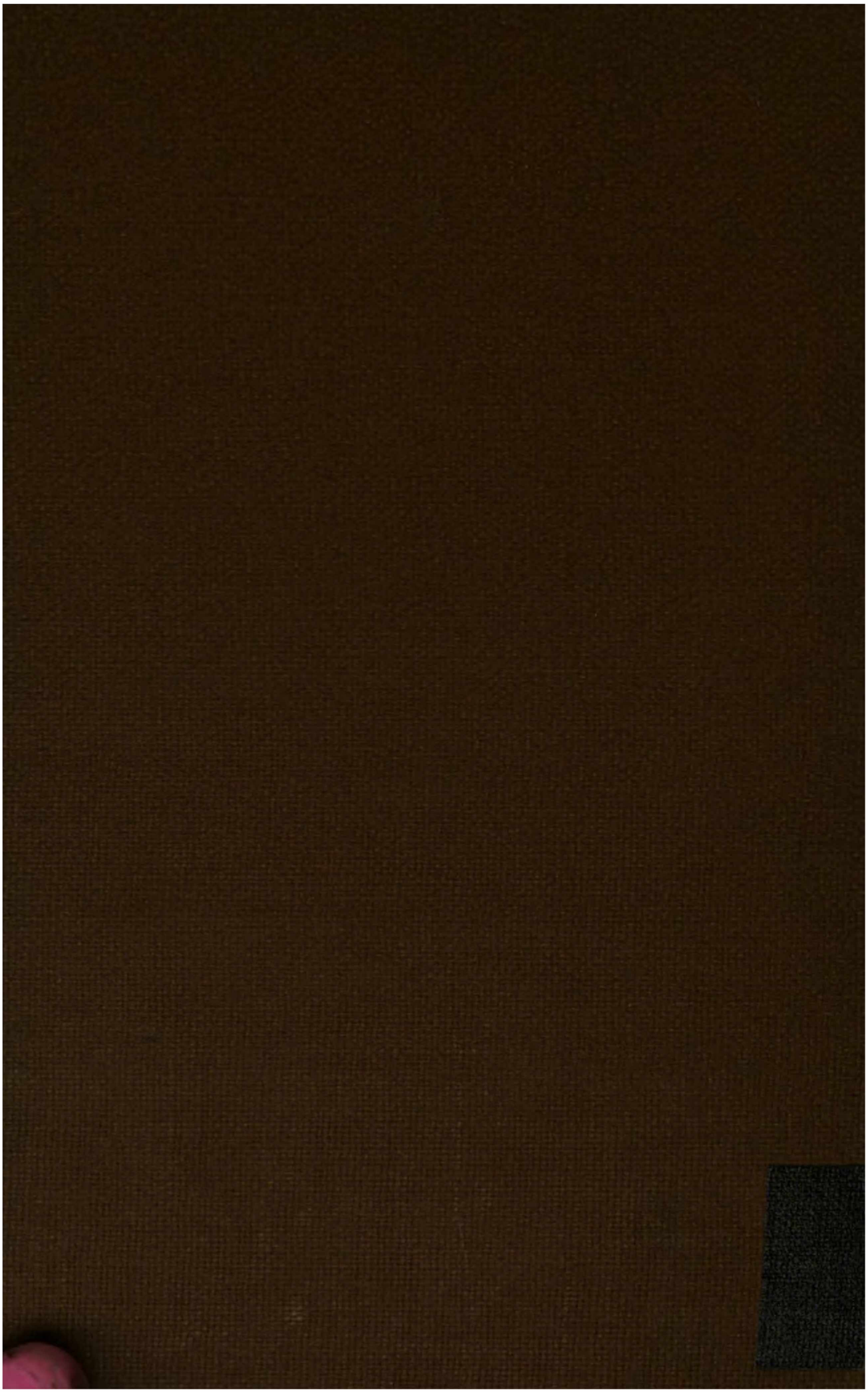
Aos Camilianistas recomendamos a aquisição da seguinte obra:

CAMILO CASTELO BRANCO

(TIPOS E EPISÓDIOS DA SUA GALERIA)

3 volumes, no formato e tipo da nossa Colecção das Obras de Camilo, contendo inúmeras transcrições das suas obras. —— Encadernados: *38$00*

Apreciações e críticas das obras do imortal escritor

PELO DOUTOR

SÉRGIO DE CASTRO